

TERRA DE NINGUÉM

As Big Techs detonam o projeto de lei das fake news, alegando supressão da liberdade de expressão nas redes sociais. Mas o problema é que Google e Meta lucram com a desinformação e o discurso do ódio



Olimpio

focus
BRASIL

Fundação Perseu Abramo 8 de Maio de 2023 Nº 94

Pioneiro da IA deixa o Google e alerta: mundo está em perigo

1º de Maio: Lula aumenta salário mínimo e isenta IR

Instalada no Congresso, CPI do Golpe foca em Bolsonaro

Morte na selva: garimpeiros atacam os índios ianomâmi

A estreia de Sérgio Sampaio e Secos & Molhados em 1973

ORGANIZAÇÃO

Nelson Victor Le Cocq D'Oliveira

Inês Patrício

Antonio Carlos F. Galvão

Adhemar Mineiro

Mariano Macedo

Helena Maria Martins Lastres

Cid Olival Feitosa

CARLOS LESSA

O PASSADO E O FUTURO DO BRASIL



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

expressão
POPULAR

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE ECONOMISTAS PELA
DEMOCRACIA



Está no ar a exposição virtual
**SÉRGIO BUARQUE DE
HOLANDA: 120 ANOS**

Acesse em fpabramo.org.br/CSBH

FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

**CONTRIBUA COM A REVISTA
REVISTA RECONEXÃO PERIFÉRIAS**

Convidamos ativistas, coletivos e movimentos para contribuírem com a Revista Reconexão Periféricas de fevereiro. O tema do mês será sobre as ruas, como espaços de disputa, defesa da democracia e também alegria, nas festas populares do carnaval. **Textos, artigos, fotos, ilustrações, poemas e toda forma de expressão que possa estar consolidada na Revista são bem vindos!**

Envie um e-mail para estudosperiferias@gmail.com para maiores informações.

SERÁ MUITO LEGAL TER A PARTICIPAÇÃO DE VOCÊS!

FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

REVISTA
RECONEXÃO
PERIFÉRIAS

EXPOSIÇÃO



43 anos
NA LUTA PELA
**DEMOCRACIA
BRASILEIRA**

focus
BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: David Silva Jr.

Produção: Oficina da Notícia

Colaboradores: Artur Araújo, Bia Abramo,

Fernanda Estima, Guto Alves,

Isaías Dalle, Nathalie Nascimento,

Olímpio Cruz Neto e Pedro Camarão



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Paulo Okamoto

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Naiara Raiol

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva

Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar,

Valter Pomar e Virgílio Guimarães

CONSELHO CURADOR

Conselheiros: Ana Maria de Carvalho Ademar,

Arthur Chioro, Arlete Sampaio, Azilton Viana, Camila Vieira

dos Santos, Celso Amorim, Dilson Peixoto, Eleonora

Menicucci, Eliane Aquino, Elisa Guaraná de Castro, Esther

Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de Oliveira Andrade,

Fernando Pimentel, Fernando Ferro, Francisco José

Pinheiro, Iole Ilíada, José Roberto Paludo, Lais Abramo,

Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de Moura,

Nabil Bonduki, Nilma Lino Gomes,

Paulo Gabriel Soledade Nacif, Penildon Silva Filho,

Sandra Maria Sales Fagundes, Sérgio Nobre,

Teresa Helena Gabrielli Barreto e Vladimir de Paula Brito

SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário),

Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia

e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves

das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França

Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas

(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane

Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo

(Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer), Janaína

Barbosa de Oliveira (LGBT), Anne Moura (Mulheres),

Nádia Garcia (Juventude) Nilto Ignacio Tatto (Meio

Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares

Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência),

Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e

Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

São Paulo (SP) - CEP 04117-091

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338



Bruno Spada/Câmara dos Deputados

BIG TECHS AFRONTAM DEMOCRACIA E REJEITAM REGULAÇÃO

Em confronto com o governo e o Congresso, Google diz que projeto contra as 'fake news' ameaça a liberdade de expressão e se joga a angariar antipatia popular à proposta. Governo e STF reagem e enquadram a gigante, mas votação é adiada

Página 6

AO LEITOR. As empresas de tecnologia estão manipulando o povo

Página 5

ARTIGO. Zeca Dirceu diz que Lula acerta ao colocar combate à fome como foco

Página 20

RORAIMA. PF registra oito mortes na reserva indígena dos ianomami, no Norte

Página 30

MÍDIA. As penas de aluguel engrossam o discurso da extrema-direita

Página 10

FRAUDE. Bolsonaro se vê agora diante do crime de falsidade ideológica

Página 21

MÚSICA. O ano de 1973 foi um sopro de renovação da MPB em plena ditadura

Página 32

EUA. Martin Wolf alerta para os riscos à democracia quando a imprensa mente

Página 14

HISTÓRIA. Carlos Marighella resiste à prisão e Brizola perde a sigla do PTB

Página 24

TELEVISÃO. Amazon Prime exhibe a minissérie 'Daisy Jones & The Six' sobre rock

Páginas 36

TECNOLOGIA. O uso da IA vira corrida entre as big techs, mas o risco é real

Página 16

1º DE MAIO. Lula anuncia aumento real do salário-mínimo acima da inflação

Páginas 28

ARGENTINA. O cantor Fito Páez ganha uma biografia em minissérie na Netflix

Páginas 37

AS BIGS TECHS E A PÓS VERDADE

Alberto Cantalice

Estuário e pólo transmissor das novas mídias, as bigs techs resolveram enfrentar a institucionalidade brasileira para impor suas regras, ou falta delas. Youtube, Twitter, Facebook, Instagram, Google e assemelhados uniram-se à extrema-direita para produzir uma criminosa campanha de achinche ao Projeto de Lei 2630/2020, de relatoria do deputado Orlando Silva (PCdoB-SP).

Levado ao paroxismo da desinformação, pelos contumazes divulgadores de fake news, muitos deles com assento no Congresso Nacional, conseguiram criar uma narrativa de que o PL 2630 visava a imposição da censura ao conteúdo do que pode ser publicado. Usaram como exemplo versículos bíblicos que mentirosamente teriam sua publicação proibida.

Em sua página oficial e na página inicial do seu endereço de busca, a campanha empreendida pelo Google contra o projeto mostra o tamanho da desfaçatez e do desapego às leis e ao ambiente democrático no Brasil.

Na verdade, além do receio pela responsabilização penal e cível por permitir o tráfego em seus veículos do discurso do ódio, permeia essa reação a distri-

buição dos bilhões de reais arrecadados em anúncios e impulsionamentos.

Grande parte desses recursos, além de não tributados condignamente, são remetidos ao exterior em forma de superlucros, deixando de remunerar o conteúdo jornalístico e artístico e promovendo uma "razia" no mercado brasileiro.

O esperneio dos tubarões das bigs techs também se deu na Europa, na Austrália e em todos os países que ousaram enfrentá-los. O mesmo discurso de "liberdade" e a mesma aliança de sustentação: a extrema-direita.

A disputa como se apresenta não será fácil. É mais um dos percalços que as forças democráticas enfrentam e enfrentarão na sua batalha cotidiana pelo Estado Democrático de Direito.

É inegável que a manipulação da opinião pública brasileira foi levada ao quase paroxismo por essas empresas e seus aliados de ocasião.

Esse fato relevante amplia a necessidade de controle e responsabilização dessas gigantes da formação do pensamento. É hora de a cidadania democrática reverter a divulgação das infâmias e garantir o restabelecimento das verdades factuais. A hora é agora!



CAPA

Olimpico



BIG TECHS AMEAÇAM A DEMOCRACIA

No mais surpreendente ataque às instituições do Estado de Direito, o Google atira no projeto de lei que regula as redes sociais e busca combater a desinformação, mas é acusado de intimidar o debate público. Só que a gigante de tecnologia conseguiu o seu principal objetivo: impedir a aprovação da proposta contra as fake news. Quem perde é a sociedade civil. "A internet não é terra sem lei", diz o ministro Flávio Dino

Num ataque sem precedentes na história da democracia ocidental, o Google lançou-se a atacar, na última semana, a proposta de lei que define as normas para o uso das redes sociais e para combater a desinformação e as campanhas de ódio. O gigante do Vale do Silício, sediada em San Francisco, nos Estados Unidos lançou uma ofensiva contra o Projeto de Lei 2630, o projeto de lei que regula a internet e que seria votado na semana passada. A proposta foi adiada.

Quem usa o Google se depa-rou no dia 1º de maio com um link abaixo da caixa de busca, com os dizeres: "O PL das fake news pode piorar sua internet". O link direcionava o navegador para um post do blog do Google com inúmeras críticas ao projeto. Segundo o site de dados Statista, 97% dos brasileiros usam o Google como principal plataforma para pesquisar na internet.

O Google usou de seus algoritmos para colocar na plataforma de busca amostras de textos com um viés crítico para quem procurasse informações sobre o projeto. A empresa, que também é proprietária do YouTube, também privilegiou links de conteúdo de oposição ao projeto nos resultados das buscas sobre a norma, além de anúncios do próprio Google criticando a nova legislação.

O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), anunciou o adiamento da votação do projeto, numa tentativa de evitar a derrota da articulação política do governo. O adiamento foi decidido em meio à pressão da oposição e após uma reação do governo e do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), contra a ofensiva feita por big techs para barrar a proposta.

O ministro da Justiça, Flávio Dino, anunciou ainda na segunda que as big techs estavam extrapolando. E afirmou que as

plataformas fizeram censura contra o parlamento ao publicar link contrário ao PL das Fake News. Ele não apenas defendeu a aprovação do projeto na Comissão de Fiscalização Financeira e Controle da Câmara dos Deputados, na terça-feira, como afirmou que as plataformas não podem ser "terra sem lei", sem qualquer tipo de controle ou responsabilidade. "A lei é uma exigência constitucional. Não podemos ter um faroeste digital no Brasil. Fake News mata", disse.

Dino afirmou que as plataformas fizeram censura contra o parlamento. E acusou o Google de retirar o link contrário ao projeto por conta própria, apontando que o que havia sido determinado pelo Ministério da Justiça é que fosse assegurado pela plataforma de busca a publicação do contraditório. Ele explicou que a lei não prevê publicação de editorial por plataformas digitais. "Quem faz editorial é meio de comunicação, plataforma não faz editorial. No

caso da plataforma temos a publicidade cifrada”, criticou.

A disseminação de notícias falsas e discursos de ódio, uma prática que surgiu com intensidade na campanha eleitoral de 2018, quando o então candidato Jair Bolsonaro usou máquinas de disparo, está no centro do debate que pode mudar a forma com que empresas de tecnologia lidam com esse problema. O projeto propõe que plataformas e aplicativos sejam responsabilizados pelo compartilhamento das chamadas fake news, discursos de ódio e que estimula o uso da violência.

O projeto estabelece que a lei será pautada pelo princípio da transparência nas regras para veiculação de anúncios e conteúdos pagos. Também aponta o fortalecimento do processo democrático, a defesa da liberdade de expressão e o impedimento da censura no ambiente online, além da busca por maior transparência das práticas de moderação de conteúdos postados em redes sociais e a adoção de mecanismos e ferramentas de informação sobre conteúdos impulsionados e publicitários disponibilizados para o usuário.

Hoje, as empresas lucram mais com o engajamento de notícias falsas, rumores, ataques e discursos de ódio. É isso que está na lógica dos motores de buscas e que levam os internautas a ter uma compulsão pela lógica do clique. O projeto de lei, relatado pelo deputado Orlando Silva (PCdoB-SP), veda o funcionamento de contas inautênticas e de contas automatizadas não identificadas como tal.

O projeto ainda prevê a possibilidade da exigência de confirmação de identificação de usuários e responsáveis pelas contas. Há, ainda, a previsão de adoção de procedimentos de moderação, assegurando aos

Agência Câmara



CONTRA O ABUSO Ministro da Justiça, Flávio Dino condenou a ação deletéria do Google, que usou de seu poder e força para interditar o debate político

usuários da internet o direito de reparação por dano individualizado ou difuso aos direitos fundamentais e o direito de recorrer da indisponibilização de conteúdos e contas.

A proposta prevê ainda a criação de um Conselho de Transparência e Responsabilidade na Internet, que teria como atribuição a realização de estudos, pareceres e recomendações sobre liberdade, responsabilidade e

transparência na internet. Caberá ao conselho, dentre outras competências, elaborar código de conduta para redes sociais e serviços de mensagens privadas, a ser avaliado e aprovado pelo Congresso. Também caberia ao órgão avaliar a adequação das políticas de uso adotadas pelos provedores de redes sociais e de plataformas de mensagens e avaliar os procedimentos de moderação adotados pelos provedores de redes sociais, bem como sugerir diretrizes para sua implementação.

Conforme o NetLab da UFRJ, os links do Google contra o PL no início da semana também apareceram na primeira página não como propaganda, mas como resultado da busca orgânica pelo termo “PL 2630”, em consultas realizadas de forma anônima, sugerindo um usuário genérico brasileiro sem histórico, entre os dias 23 e 28 de abril.

Além disso, youtubers vinham recebendo desde sexta-feira, 28, e-mails do YouTube afirmando que eles vão perder dinheiro se o projeto for aprovado. As mensagens afirmam que o PL compromete “nosso modelo de compartilhamento de receita”.

Dizem que, ao ser obrigada

**FLÁVIO DINO:
“AS PLATAFORMAS
NÃO PODEM SER
UMA TERRA SEM
LEI, SEM QUALQUER
TIPO DE CONTROLE.
NÃO PODEMOS
TER AQUI UM
FAROESTE DIGITAL”**

a pagar por conteúdo jornalístico, como prevê o artigo 32 do projeto, sobriariam “menos fundos para investir em você, em todos os nossos criadores e nos programas para ajudá-lo a desenvolver seu público”. No final, a gigante de tecnologia coloca pilha nos produtores de conteúdo do YouTube a falar “com seus deputados nas redes sociais ainda hoje”.

A pressão escancarada levou ao adiamento do projeto. E mostrou que as gigantes de tecnologia estão se transformando em uma ameaça à própria democracia. “Nós tivemos, em paralelo, uma ação suja das big techs. Eu nunca vi tanta sujeira numa disputa política. Por que o Google, por exemplo, usa a sua força majoritária no mercado para ampliar o alcance das posições de quem é contra o projeto e diminuir o alcance de quem é favorável”, criticou o relator do projeto, deputado Orlando Silva.

O projeto estabelece multa de até 10% do faturamento do grupo econômico no Brasil em caso de descumprimento da lei. E prevê o pagamento por parte das plataformas pelo conteúdo jornalístico utilizado, sem que esse custo seja repassado ao usuário final. Sobre a forma do pagamento, aponta que a pactuação deve ser feita entre as plataformas e as empresas jornalísticas. As plataformas se opõem à ideia de remuneração, e entre os veículos há dissenso.

Entidades como Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert), Associação Nacional de Editores de Revistas (Aner) e Associação Nacional de Jornais (ANJ), que reúne os principais veículos de mídia defendem o PL. Veículos de mídia menores, como o site Brasil 247, temem perder financiamento por terem menor poder de barganha. •

Reprodução



ACIONADO Ministro-chefe da Advocacia Geral da União, Jorge Messias já começa a preparar contra-ofensiva na Justiça contra os abusos das empresas

GOOGLE E META NA MIRA DA AGU

Câmara dos Deputados aciona a Advocacia-Geral da União para preparar contra-ofensiva jurídica contra as gigantes de tecnologia que querem interditar o debate

A Câmara dos Deputados anunciou que vai processar as grandes empresas de tecnologia, conhecidas como big techs, pelos ataques aos parlamentares na discussão do projeto de lei que criminaliza as fake news e impõe regulação e responsabilidades as plataformas digitais sobre o conteúdo publicado nelas.

Advogados já foram consultados e o ministro-chefe da Advocacia Geral da União (AGU), Jorge Messias, já estuda entrar com uma ação na Justiça contra empresas como Google, Meta (dona do Facebook e Instagram) e Twitter. O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL) anunciou que está reunindo provas sobre ameaças.

“Independentemente do que politicamente os deputados pensam, as big techs ultrapassaram todos os limites da prudência”, afirmou. “No direito comparativo, vamos procurar todos os meios responsabilizando pelo ato quase de horror que eles fi-

zeram. A Câmara vai agir”.

As declarações são uma reação à pressão dessas empresas contra a votação do projeto. As plataformas foram acusadas de esconder publicações favoráveis ao projeto e proibir o impulsionamento de postagens que destacavam pontos positivos dele. Enquanto isso, o Google publicou em sua página inicial conteúdo crítico à proposta, ameaçando de censurar as redes sociais, e só retirou após o governo sinalizar com multa milionária.

O relator do projeto de lei, deputado Orlando Silva (PCdoB-SP), continua à frente do projeto. Lira sinalizou que a retomada da votação vai ocorrer apenas após o Supremo Tribunal Federal (STF) julgar artigo do Marco Civil da Internet que proíbe a responsabilização das plataformas pelo conteúdo publicado. “Se ele vai votar antes ou depois do julgamento do Supremo... sempre defendendo que o Parlamento legisle”, disse. Ainda não há data marcada para este julgamento ocorrer. •



8 DE JANEIRO

CNN
BRASIL

08:59

IMAGENS MOSTRAM AÇÃO DO GSI DURANTE ATAQUE AO PLANALTO

SOBRE GUERRA GERAM ALERTAS NA COMUNIDADE INTERNACIONAL ▶ LULA C CNN NOVO DIA

TRAMA O general Gonçalves Dias, ex-ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, teve suas imagens vazadas pela CNN Brasil. O episódio gerou desgaste e levou-o a pedir demissão

AS VENAS PENAS DE ALUGUEL

Comportamento de parte da imprensa e comentaristas da extrema-direita mostram a necessidade urgente da aprovação do Projeto de Lei 2630/2020, que criminaliza a desinformação e obriga as Big Techs a se responsabilizarem por ataques e conteúdos ofensivos nas redes sociais. Proposta foi adiada

Guto Alves

Com a eleição de Lula, as casas de jornalistas que fazem propaganda para a extrema-direita e serviam como linha auxiliar do governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, hoje investigado pela Polícia Federal por fraude, começaram a limpar as redações. Ainda não é um mea culpa, mas estão afastando alguns destes nomes.

Em janeiro, a Jovem Pan demitiu até mesmo um dos mais emo-

cionados comentaristas, Rodrigo Constantino. Ele também teve sua conta restringida no Twitter por responder judicialmente depois de ter postado informações comprovadamente falsas, com intenção de enganar seguidores e ouvintes. Tudo isso, mas sobretudo por ter incentivado golpistas que depredaram Brasília em 8 de janeiro.

Junto de Constantino, outros nomes se viram sem o trabalho na casa grande de outras empresas de mídia. É o caso de Ana Paula Henkel, Zoe Martinez, Lacombe, Augusto Nunes, Alexandre Gar-

cia, Guilherme Fiuza, Felipe Moura Brasil – recentemente demitido do UOL – além de J.R. Guzzo, dentre outros.

As demissões anunciadas no final de 2022 pela Jovem Pan e posteriores “readequações” nas redações da emissora também foram adotadas pela CNN Brasil, mas por motivos diferentes. A emissora balizou o discurso durante as eleições, chegou a ser acusada de “comunista” por bolsonaristas, mas parece ter pagado a conta após a derrota de Jair Bolsonaro.

Logo após as eleições, 140 pessoas foram demitidas em três redações. No mesmo dia do corte, Rubens Menin, empresário mineiro dono da CNN Brasil, elogiou Jair Bolsonaro, o que deixou os funcionários revoltados. A emissora hoje, e muitos de seus profissionais mais renomados – à exceção de Daniela Lima – parece ter se alinhado completamente ao bolsonarismo.

O episódio mais marcante foi a recente exibição de uma reportagem sobre a presença do general Gonçalves Dias, ex-ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, nas imagens de segurança do Planalto no dia dos ataques de 8 de janeiro, deixando no ar a dúvida de que o governo Lula teve participação – até por omissão – na invasão e destruição nas dependências das sedes dos Três Poderes.

A repercussão foi tão negativa, que a CNN se valeu de Daniela Lima, a jornalista da emissora atualmente mais palatável para setores da esquerda, para ler uma nota de explicação sobre a reportagem. A CNN foi acusada de não elucidar o momento em

que as imagens foram gravadas. Após a revelação da íntegra das imagens, confirmou-se que a emissora ocultou trechos e fatos cronológicos que provam também a chegada do próprio presidente Luiz Inácio Lula da Silva, dos ministros Flávio Dino (Justiça) e José Múcio (Defesa), discutindo e vistoriando os estragos no Palácio do Planalto.

Em nota, a CNN disse: “os vídeos divulgados com exclusividade pela emissora foram gravados por 22 câmeras diferentes. Nestas imagens não havia o registro do momento em que o presidente Lula chegou ao Palácio, às 21h46. A emissora alegou que desconhecia a sequência de fatos para eximir-se de ter ocultado fatos, como se a chegada de Lula e ministros não tivesse sido pública e noticiada.

Após ler a nota, a própria Daniela Lima disse, ao vivo: “Nota minha, que fiz 8 horas de cobertura ao vivo nesse dia: as imagens das câmeras internas não estavam lá, mas a CNN acompanhou ao vivo a primeira vistoria feita no dia 8 de janeiro”. A apresentadora desmentiu a própria emissora

e elucidou que fez seu trabalho como jornalista. O vídeo viralizou e Daniela virou alvo de bolsonaristas nas redes sociais, que agora pedem sua demissão.

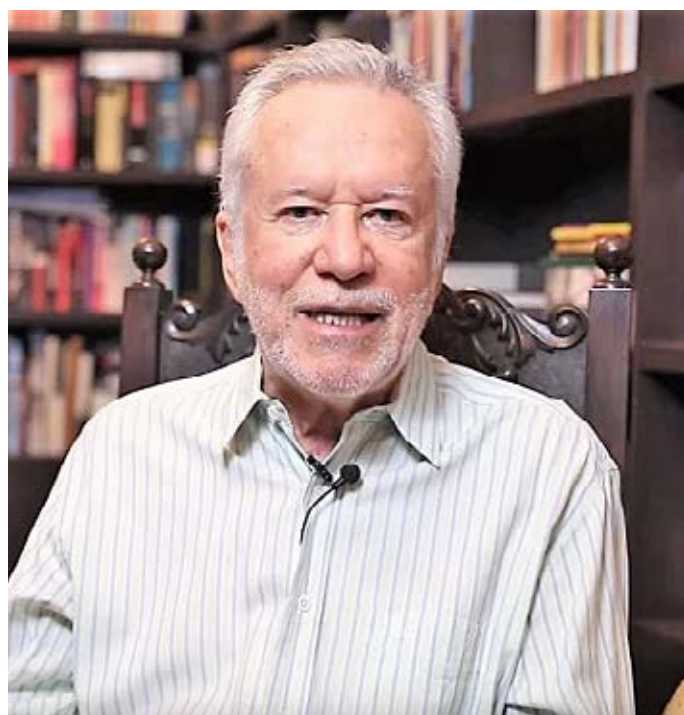
Após esse episódio, aliás, a mesma repórter desmentiu uma fake news no ar, lançada pelo deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP). Ele disse que o fotógrafo da agência Reuters, Alexandre Machado, era um infiltrado do Partido dos Trabalhadores, parte de uma “encenação” do PT durante a quebraadeira.

Daniela o desmentiu, defendeu o repórter fotográfico, chamando-o de herói. E lembrou que, na cobertura dos atos de 8 de janeiro, mais de 40 jornalistas foram agredidos por bolsonaristas. Seu colega de emissora, no entanto, Leandro Magalhães, é quem sempre divulga “exclusivas” que beneficiam Bolsonaro.

Quando o ex-presidente estava em Orlando, nos Estados Unidos, era somente com Leandro que Bolsonaro falava em exclusividade sobre seu retorno. Ele o acompanhou no voo de regresso ao Brasil. Leandro esconde de seu currículo, mas antes de ir para



Reprodução



A VOZ DA EXTREMA-DIREITA Ex-diretor do *Estadão* e do *Jornal do Brasil*, Augusto Nunes terminou a carreira como um dos porta-vozes do discurso de ódio de Jair Bolsonaro, assim como o ex-Globo Alexandre Garcia



PIADA FATAL Comentarista da CNN, Felipe Moura Brasil se viu no olho da rua depois de ter defendido ao vivo o ex-juiz e atual senador Sergio Moro. O ex-líder da Lava Jato está sendo processado por calúnia por Gilmar Mendes

a CNN, trabalhou durante anos como assessor parlamentar do PP, na época partido de Bolsonaro, com quem já postou fotos em redes sociais.

Na cruzada contra o projeto de lei das Fake News, juntam-se os comentaristas que encontraram nova casa para seguir desinformando – e lucrando muito com isso, pois monetizam cada página ou vídeo que publicam. Um é o site *O Antagonista*, um veículo lavajatista por excelência, que ainda hoje é mais morista que bolsonarista. Outros dois veículos que reforçam a pauta da extrema-direita são a *Revista Oeste* e o jornal *Gazeta do Povo*, ambos do Paraná. Todos são a mídia que lança mais desinformação e ataques dirigidos às instituições de Estado e seus representantes.

Beneficiários da manutenção do estágio atual de degradação que ganhou vida depois do Golpe de 2016, seguem desconectados de qualquer compromisso com o país ou a democracia. E não seguem por nenhum tipo de regulação, na esteira da tática suja bolsonarista. E seguem na ladainha e na máxima de quem mais mente, desinforma e ataca o Estado De-

mocrático de Direito não só faz campanha como ainda lança mentiras em série contra o projeto de lei que os puniria. Agora, fazem coro ao lobby das big tech.

Com um verniz de moderação, a CNN tem contratado, por exemplo, pessoas como Janaina Paschoal e Joel Pinheiro para comentar política, economia e governança. Nenhuma qualificação,

a não ser o barraco que traz audiência e o show de intolerância, desconhecimento e desinformação nas falas que já estão confrontando, ou até mesmo passando, em audiência a Globonews e a JP News.

Lá também estiveram o comentarista Alexandre Borges, marqueteiro de Bolsonaro, Wilson Witzel e Celso Russomano. E o jornalista Felipe Moura Brasil, demitido após ter defendido ao vivo o ex-juiz e senador Sergio Moro, que caluniou Gilmar Mendes e agora responde por isso. Moura disse tratar-se apenas de uma piada. A piada era a acusação de que o ministro Gilmar Mendes vendia decisões. Foi demais até para a CNN.

Com canais bloqueados em diversas plataformas, este time de jornalistas de aluguel estão abrigados na *Revista Oeste* e na *Gazeta do Povo*, ambas em franca campanha de arrecadação de fundos para se manterem. Nos dois veículos só é possível acessar o conteúdo se você for assinante. A *Gazeta do Povo* está em campanha mais ostensiva. É impossível utilizar o Twitter sem esbarrar com um vídeo de Rodrigo Constantino

NA CRUZADA CONTRA O PROJETO DE LEI DAS FAKE NEWS, JUNTAM-SE OS COMENTARISTAS QUE ENCONTRARAM NOVOS VEÍCULOS PARA SEGUIR DESINFORMANDO

pedindo dinheiro para que “a verdade possa ser dita”.

Em outro anúncio, um vídeo bem produzido, com apresentadora e locução, apela que a democracia brasileira está em risco e que vivemos em um regime que censura jornalistas. E daí porque buscam ajuda financeira – isso após terem até mesmo monetização de conteúdo barrado por publicação de notícias falsas e incitação a golpe de Estado no Brasil.

Não é de se admirar que estes nomes e estes veículos tenham encampado grande empreitada ao lado das big tech, como Google, Meta, Spotify e outras corporações de tecnologia. Eles militam em causa própria, não para o país.

Quase todas essas penas de aluguel foram condenadas por publicações que o projeto de lei mira com regulação e responsabilização pelo que é dito e publicado por usuários e corporações. É incabível que termos de uso prevaleçam sobre uma legislação que define regras e determina o razoável, distinguindo opinião de manipulação e crime. E é justamente com desinformação, manipulação e discurso de ódio que estes comentaristas e

PORTA-VOZES DA EXTREMA-DIREITA MERGULHARAM NA GUERRA CONTRA O PROJETO DE REGULAÇÃO DAS REDES PORQUE GANHAM DINHEIRO COM AS MENTIRAS

veículos extremistas ganham dinheiro. É o terraplanismo da mídia venal.

Empresas assim, comandada por empresários como Rubens Menin e Tutinha Amaral, confrontam a democracia diariamente, auxiliam na manipulação de eleitores, interferem em processos legislativos e eleitorais, destroem reputações e ainda lucram com isso.

Tutinha chegou a renun-

ciar ao cargo de presidente da Jovem Pan após esta estar no centro do inquérito do Ministério Público Federal por incitação aos atos golpistas em janeiro. Mesmo agora, diante das novas evidências e denúncias envolvendo Jair Bolsonaro e seu ex-ajudante-de-ordens o tenente-coronel Mauro Cid, acusados de fraude e falsidade ideológica, a “Jovem Klan” não se faz de rogada e engrossa a estratégia de vitimização do ex-presidente.

Foi no programa *Pânico*, que Bolsonaro surgiu na quarta-feira, 3, chorando ao vivo, posando de coitadinho. Os comentaristas se revezavam, apiedados do líder da extrema-direita apontando que o inquérito que apura as fraudes dos cartões de vacinação seriam fruto da vitória de Lula.

Ninguém mostra compromisso com a verdade, ou se atém aos fatos e transformando, aos poucos o caso numa novela dramática dos anos 50. Mas é isso que ganha espaço e engajamento: o discurso extremista contra Lula. Mostram que é mais do que urgente a regulamentação para criminalizar a desinformação. •



Divulgação/Jovem Pan

A JOVEM KLAN

Herdeiro da emissora paulista que se tornou um dos veículos mais ligados à extrema-direita nacional, Tutinha Amaral teve de se afastar do comando da Jovem Pan depois da derrota de Jair Bolsonaro para Lula em 2022



A MÍDIA QUE MENTE, AMEAÇA

Nos EUA, a Fox renunciou ao jornalismo ao engrossar mentiras sobre uma suposta fraude nas eleições presidenciais em favor de Donald Trump. Isso é uma grave ameaça à democracia

Martin Wolf | Financial Times

No mês passado, a Fox, empresa controlada por Rupert Murdoch e seu filho Lachlan, aceitou formalmente um acordo e pagou US\$ 787,5 milhões à Dominion Voting Systems para encerrar o processo de difamação, no valor de US\$ 1,6 bilhão, movido contra si. Justin Nelson, o advogado da Dominion, insistiu que “a verdade tem importância” e “as mentiras têm consequências”. Isso é verdadeiro, mas apenas até certo ponto.

O modelo de negócios revelado em detalhes assombrosos em trocas de comunicações entre executivos da Fox e estrelas depende de proporcionar aos espectadores as fortes emoções que eles desejam. Se isso incluir informações falsas, tudo bem. Perguntado se poderia ter dito aos altos executivos

da Fox que deixassem de colocar no ar Rudy Giuliani – um dos mais assíduos promotores de mentiras sobre a eleição americana de 2020 –, Rupert Murdoch respondeu: “Eu poderia ter feito isso. Mas não fiz”. Sua inação disse tudo.

Como afirmou o falecido senador Daniel Patrick Moynihan (Democrata): “Você tem direito a sua opinião. Mas não tem direito aos seus próprios fatos”. Os fatos às vezes podem ser discutidos. Mas, muito frequentemente, como nesse caso, informações falsas não podem: elas não são “fatos alternativos”, e sim mentiras.

Na obra “Truth and Politics”, Hannah Arendt conta uma história sobre Georges Clemenceau, líder da França no fim da Primeira Guerra Mundial. Perguntado sobre quem era o responsável pela guerra, ele respondeu: “Não sei. Mas sei com certeza que eles não vão dizer que a Bélgica invadiu a

Alemanha”. Ora, Donald Trump não venceu a eleição de 2020. Suas acusações de fraude são mentiras.

É desnecessário dizer que regimes totalitários tanto de esquerda quanto de direita promoveram informações falsas livremente. Para eles a mentira era (e é) um instrumento de controle. Espera-se que as democracias sejam diferentes e, nesse caso, eram, sob um aspecto importante. O mecanismo independente de revelação da verdade da lei obrigou a Fox a pôr à mostra sua consciência de que estava propagando informações absolutamente falsas.

Será que essas mentiras têm importância? Decididamente, têm. Na ausência de concordância em torno dos fatos, a discussão democrática não pode começar. Mas essas mentiras têm um significado especialmente poderoso, porque eram (e são) uma tentativa

de derrubar a própria democracia.

A democracia pode ser definida como uma guerra civil civilizada. Reconhece a existência de diferenças de opiniões, mas as soluciona pacificamente, por meio de eleições, que são a instituição fundamental da democracia representativa. As eleições determinam a legitimidade. Mas, para isso, têm de ser reconhecidas como idôneas.

Uma mentira sobre o resultado de uma eleição, em vista disso, é mais do que uma mentira. Nem chega sequer a ser, simplesmente, uma mentira política. Ela ameaça diretamente a democracia. É uma tentativa de destruir as eleições como mecanismo de arbitragem do poder. Foi isso o que Trump tentou fazer. Foi isso o que todos os que o apoiam ou lhe deram condições de agir tentaram fazer. Foi isso o que a cobertura da Fox da eleição, especialmente a interminável promoção de mentiras sobre a segurança da votação, tentou fazer.

Esse não é um delito de menor importância que o mundo deveria esquecer facilmente. A democracia corre risco de extinção em boa parte do mundo, enquanto os EUA são a democracia mais importante do mundo. Tentativas de subverter a principal instituição da democracia em seu âmago são imperdoáveis. Mas, infelizmente, não surpreendem.

Como argumenta o jornalista britânico Matthew d'Ancona na revista "Prospect", a Fox "lembra o escorpião da famosa fábula, ao picar o sapo da democracia que o carregava, o que fez com que ambos se afogassem em um lodaçal de desonestidade, desinformação e desordem. Ela simplesmente estava sendo fiel à sua natureza. Ainda está".

Um advogado de defesa pode argumentar que nada disso foi culpa da Fox. Ela apenas fez o que tinha de fazer, a fim de dar aos seus

clientes o que eles queriam. Esse, poderia se observar, seria o argumento de um traficante de drogas. Nesse caso, além disso, a Fox não estava só satisfazendo um desejo preexistente. Teve papel significativo na criação da dependência em relação à demagogia da extrema direita, da qual Trump é um tão brilhante expoente.

Como observou Jim Sleeper na "Columbia Journalism Review": "A Fox renuncia ao jornalismo, ou o redireciona, não apenas para entreter como também para en-

A DEMOCRACIA CORRE RISCO DE EXTINÇÃO EM BOA PARTE DO MUNDO, ENQUANTO OS EUA SÃO A DEMOCRACIA MAIS IMPORTANTE DO MUNDO. TENTAM SUBVERTÊ-LA

grossar e canalizar filetes de fúria e medo públicos de modo a transformá-los em correntes torrenciais de poder político".

Imaginemos o que aconteceria se a eleição presidencial futura estivesse ainda mais próxima. As instituições poderiam então estar sobrecarregadas para além do ponto de ruptura. Mas, talvez, já seja tarde demais para tentar mudar esse quadro. Em vista das profundas divisões atuais, qualquer tentativa de atualizar a velha "doutrina da idoneidade" (suspensa em 1987) de modo a cobrir as

emissoras atuais seria inaceitável e inviável.

Pode-se argumentar também que é impossível evitar a ampla disseminação de mentiras, em vista das nossas redes sociais. Resta apenas a esperança de que o eleitorado e o Poder Judiciário permaneçam robustos contra os futuros esforços de subversão.

Para os países que ainda não caíram nesses lodaçais, no entanto, é vital proteger o financiamento e a independência das emissoras públicas, como a BBC, e insistir que todas as emissoras têm a obrigação de não mentir. Se descumprirem essa obrigação, devem imediatamente perder suas concessões, que são um privilégio, não um direito. Essas concessões não dão o direito às emissoras de pregar a sublevação contra o regime democrático que lhes deu origem.

Temos que nos lembrar de três grandes coisas sobre a economia de mercado. A primeira e mais fundamental é que não se pode fazer tudo o que é lucrativo. Aliás, tem de haver uma longa lista de atividades que as pessoas não têm o direito de praticar. A segunda é que algumas das coisas que as pessoas não podem fazer talvez sejam legais ou, se contrárias à lei, difíceis de evitar. A última e mais importante, conseqüentemente, é que a sobrevivência de uma sociedade civilizada depende da contenção moral, principalmente da parte de suas principais personalidades.

Em 1954, Joseph Nye Welch, principal assessor do Exército dos EUA, respondeu à pecha de comunista atribuída pelo senador Joe McCarthy com a pergunta: "O senhor não tem noção de idoneidade?" Sociedades livres morrerão se as pessoas dotadas de influência, riqueza e poder forem desprovidas dessa virtude. •

Tradução de Rachel Warszawski,
do jornal *Valor Econômico*



IA TEM POTENCIAL DANOSO

Pioneiro na pesquisa de desenvolvimento da Inteligência Artificial, o cientista Geoffrey Hinton deixa o Google e alerta sobre o perigo à frente quanto ao uso descontrolado da tecnologia. Ele está preocupado com os riscos à humanidade

O mundo vem discutindo nos últimos seis meses sobre o uso intensivo e os saltos acelerados no desenvolvimento da inteligência artificial. Do coração de sistemas de automação, ao uso da linguagem humana, passando pelo desenvolvimento de fotos hiperrealistas e desenhos geométricos e artísticos, a IA se faz presente e é hoje uma realidade que ameaça empregos, o senso crítico e até

mesmo a humanidade.

O alerta não é de um troglodita do século 20. Mas de ninguém menos do que Geoffrey Hinton, um dos pioneiros no desenvolvimento da inteligência artificial, que estava por trás das mais avançadas pesquisas realizadas pelo Google. Ele anunciou seu desligamento da gigante do Vale do Silício em reportagem publicada no início da última semana no *New York Times*. E assume; está muito preocupado.

Em 2012, Hinton e dois de seus alunos de pós-graduação na Universidade de Toronto, no Canadá, criaram tecnologia que se tornou a base intelectual para os sistemas de IA que as maiores empresas do setor de tecnologia acreditam ser a chave para o futuro.

Na segunda-feira, 1º de maio, Hinton se juntou ao coro dos descontentes e críticos que dizem que as big techs estão correndo em direção ao perigo

com sua campanha agressiva para criar produtos baseados em inteligência artificial generativa, a tecnologia que alimenta chatbots populares como o ChatGPT, ou que está por trás de ferramentas de desenho, como Dream e Wonder.

Hinton largou seu emprego no Google, onde trabalhou por mais de uma década e se tornou uma das vozes mais respeitadas no campo da IA. Ele se arrepende do trabalho de sua vida. "Eu me consolo com a desculpa normal: se eu não tivesse feito isso, outra pessoa teria feito", disse ao *NYT*.

O jornal alardeou, em reportagem de Cade Metz: "A jornada do Dr. Hinton de pioneiro da IA a apocalíptico marca um momento notável para a indústria de tecnologia, talvez em seu ponto de inflexão mais importante em décadas. Os líderes do setor acreditam que os novos sistemas de IA podem ser tão importantes quanto a introdução do navegador da web no início da década de 1990 e podem levar a avanços em áreas que vão desde a pesquisa de medicamentos até a educação".

O repórter lembra, contudo, que muitos membros da indústria estão atormentados pelo medo de que estejam liberando algo perigoso na natureza. A IA geradora já é uma ferramenta para desinformação. Em breve, pode ser um risco para os empregos. Em algum lugar abaixo da linha, dizem os maiores cabeças da tecnologia, pode ser um risco para a humanidade. "É difícil ver como você pode evitar que os maus atores o usem para coisas ruins", diz o Geoffrey Hinton.

Depois que a start-up OpenAI de São Francisco lançou uma nova versão do ChatGPT, em março de 2023, mais de mil líderes e pesquisadores de tecnologia assinaram uma carta aberta pedindo uma moratória de seis meses sobre o desenvolvimento

Chloe Ellingson/NT



DESCONTROLE Um dos criadores da Inteligência Artificial, Geoffrey Hinton largou o Google e alerta que há uma corrida desenfreada do uso da tecnologia

de novos sistemas porque as tecnologias de IA representam "riscos profundos para a sociedade e a humanidade".

Vários dias depois, 19 líderes atuais e antigos da Associação para o Avanço da Inteligência Artificial, uma sociedade acadêmica de 40 anos, divulgaram sua própria carta alertando sobre os riscos. Esse grupo incluiu Eric

Horvitz, diretor científico da Microsoft, que implantou a tecnologia da OpenAI em uma ampla gama de produtos, incluindo seu mecanismo de pesquisa Bing.

Hinton, chamado pelo *NYT* de "padrinho da IA", não assinou nenhuma das cartas e disse que não queria criticar publicamente o Google ou outras empresas até que deixasse o emprego. Mas ele revelou já ter notificado a empresa no mês passado que iria deixar a big tech.

O cientista-chefe do Google, Jeff Dean, disse em um comunicado: "Continuamos comprometidos com uma abordagem responsável da IA. Estamos continuamente aprendendo a entender os riscos emergentes, ao mesmo tempo em que inovamos com ousadia".

Hinton é um expatriado britânico de 75 anos, acadêmico ao longo da vida cuja carreira foi impulsionada por suas convicções pessoais sobre o desenvolvimento e uso da IA. Em 1972, como estudante de pós-graduação na Universidade de Edimburgo, Hinton adotou uma ideia chamada rede neural – um sistema matemático que aprende habilidades analisando dados. Na

**HINTON IMAGINAVA
QUE O USO
GENERATIVO DA
IA DA MANEIRA
COMO VEMOS HOJE
SERIA ALGO QUE
ACONTECERIA SÓ
EM 50 ANOS. E ISSO
AGORA O ASSUSTA**

época, poucos pesquisadores acreditavam na ideia. Mas se tornou o trabalho da vida dele.

Na década de 1980, Hinton era professor de ciência da computação na Universidade Carnegie Mellon, mas deixou a instituição porque relutava em aceitar o financiamento do Pentágono. Na época, a maioria das pesquisas de IA nos Estados Unidos era financiada pelo Departamento de Defesa. Ele se opõe profundamente ao uso de inteligência artificial no campo de batalha – que chama de “soldados robôs”.

Em 2012, Hinton e dois de seus alunos em Toronto, Ilya Sutskever e Alex Krizhevsky, construíram uma rede neural que poderia analisar milhares de fotos e ensinar a identificar objetos comuns, como flores, cães e carros.

O Google gastou US\$ 44 milhões para adquirir uma empresa iniciada por ele e seus dois alunos. E esse sistema levou à criação de tecnologias cada vez mais poderosas, incluindo novos chatbots como ChatGPT e Google Bard. Sutskever é hoje o cientista-chefe da OpenAI. Em 2018, Hinton e dois outros colaboradores de longa data receberam o Prêmio Turing, o “Nobel de Computação”, por seu trabalho em redes neurais.

Na mesma época, o Google, a OpenAI e outras empresas começaram a construir redes neurais que aprenderam com grandes quantidades de texto digital. Hinton achou que era uma maneira poderosa de as máquinas entenderem e gerarem a linguagem, mas era inferior à maneira como os humanos lidavam com a linguagem.

Então, no ano passado, à medida que o Google e o OpenAI construíram sistemas usando quantidades muito maiores de dados, sua visão mudou. Ele ainda acreditava que os sistemas eram inferiores ao cérebro

Reprodução



PARADIGMA Robert Oppenheimer, o cientista que deu o pontapé no Projeto Manhattan de construção da bomba atômica, ficou assustado com o resultado

humano em alguns aspectos, mas achava que estavam eclipsando a inteligência humana em outros. “Talvez o que está acontecendo nesses sistemas”, disse, “na verdade seja muito melhor do que o que está acontecendo no cérebro”.

À medida que as empresas melhoram seus sistemas de IA, ele acredita, estão se tornando

cada vez mais perigosas. “Olhe como era há cinco anos e como é agora”, adverte. “Pegue a diferença e propague-a para frente. Isso é assustador”.

Ele lembra que, até o ano passado o Google agia como um “mordomo apropriado” para a tecnologia, tomando cuidado para não liberar algo que possa causar danos. Mas agora que a Microsoft aumentou seu mecanismo de pesquisa Bing com um chatbot – desafiando o negócio principal do Google – a empresa está correndo para implantar o mesmo tipo de tecnologia. Os gigantes da tecnologia estão presos em uma competição que pode ser impossível de parar.

Hinton diz que sua preocupação imediata é que a internet será inundada com fotos, vídeos e textos falsos, e a pessoa comum “não será mais capaz de saber o que é verdade”. Ele também está preocupado que as tecnologias de IA com o tempo irá virar o mercado de trabalho. Hoje, chatbots como o ChatGPT tendem a complementar os trabalhadores humanos, mas podem substituir advogados que ainda não passaram no exame da Ordem, assistentes pessoais, tradutores

**OPPENHEIMER,
APÓS PERCEBER AS
CONSEQUÊNCIAS
DO USO DA BOMBA
ATÔMICA, CITOU
GITA: “AGORA EU ME
TORNEI A MORTE,
A DESTRUIDORA
DE MUNDOS”**

O QUE É QUENTE AGORA NA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL?

A nova safra de chatbots alimentados por inteligência artificial acendeu uma corrida para determinar se a tecnologia poderia virar a economia da internet, transformando as potências de hoje em passado e criando os próximos gigantes da indústria.

ChatGPT

O modelo de linguagem de inteligência artificial de um laboratório de pesquisa, OpenAI, tem feito manchetes desde novembro por sua capacidade de responder a perguntas complexas, escrever poesia, gerar código, planejar férias e traduzir idiomas. O GPT-4, a versão mais recente introduzida em meados de março, pode até responder a imagens (e aceitar o Uniform Bar Exam – O UBE é projetado para

testar conhecimentos e habilidades que todo advogado deve ser capaz de demonstrar antes de se tornar licenciado para exercer a advocacia. Isso resulta em uma pontuação portátil que pode ser usada para solicitar admissão em outras jurisdições da UBE).

Bing

Dois meses após a estreia do ChatGPT, a Microsoft, principal investidor e parceiro da OpenAI, adicionou um chatbot semelhante, capaz de ter conversas de texto abertas sobre praticamente qualquer tópico, ao seu mecanismo de pesquisa na Internet Bing. Mas foram as respostas ocasionalmente imprecisas, enganosas e estranhas do bot que chamaram grande parte da atenção após seu lançamento.

Bard

O chatbot do Google, chamado Bard, foi lançado em março para um número limitado de usuários nos EUA e na Grã-Bretanha. Originalmente concebida como uma ferramenta criativa projetada para redigir e-mails e poemas, ela pode gerar ideias, escrever postagens de blog e responder a perguntas com fatos ou opiniões.

Ernie

A gigante da pesquisa Baidu revelou o primeiro grande rival da China para o ChatGPT em março. A estreia de Ernie, abreviação de Representação Aprimorada através da Integração do Conhecimento, acabou sendo um fracasso depois que uma demonstração “ao vivo” prometida do bot foi revelada como gravada.

e outros que lidam com tarefas rotineiras. “Isso reduz o trabalho pesado. Mas pode tirar bem mais do que isso”, declarou ao *NYT*.

Hinton está preocupado que, no futuro, novas versões da tecnologia representem uma ameaça para a humanidade, porque muitas vezes aprendem comportamentos inesperados com as vastas quantidades de dados que analisam. Isso se torna um problema à medida que indivíduos e empresas permitem que os sistemas de IA não apenas gerem seu próprio código de computador, mas realmente executem esse código por conta própria. O professor teme um dia em que armas verdadeiramente autônomas – como robôs assassinos – se tornem realidade.

“A ideia de que essas coisas poderiam realmente ficar mais inteligentes do que as pessoas – algumas pessoas acreditavam

nisso”, afirma. “Mas a maioria das pessoas achou que estava muito longe. E eu pensei que estava muito longe. Eu pensei que estava a 30 a 50 anos ou até mais de distância. Obviamente, eu não acho mais isso”.

Outros especialistas, incluindo muitos de seus alunos e colegas, dizem que tal ameaça é hipotética. Mas Hinton acredita que a corrida entre o Google e a Microsoft e outros se transformará em uma corrida global que não vai parar sem algum tipo de regulamentação planetária ou determinada pelo concerto das nações.

Ele conjectura, contudo, que isso pode ser impossível. Ao contrário das armas nucleares, diz Hinton, não há como saber se empresas ou países estão trabalhando nessa tecnologia em segredo. A melhor esperança é que os principais cientistas do

mundo colaborem para permitir ou construir algum tipo de controle da tecnologia. “Eu não acho que eles devam escalar isso mais até que entendam se podem controlá-lo”, argumenta.

Hinton disse que quando as pessoas costumavam perguntar a ele como poderia trabalhar em tecnologia potencialmente perigosa, ele parafraseava Robert Oppenheimer, o cientista que liderou o esforço dos EUA para construir a primeira bomba atômica: “Quando você vê algo que é tecnicamente doce, vá em frente e faça isso”. Mas nem Hinton não diz mais isso.

Vale lembrar que Oppenheimer, após perceber as consequências do uso da bomba atômica, no Projeto Manhattan, lembrou-se de uma frase presente no livro sagrado hindu Baghavad-Gita: “Agora eu me tornei a morte, a destruidora de mundos”. •

PRIORIDADE DO COMBATE À FOME

Lula quer garantir aos brasileiros alimentação digna, para superar legado do governo anterior. Não é razoável haver exportação de bilhões de dólares em grãos e o povo não ter o que comer

O legado do governo militarista anterior é funesto, com efeitos danosos às classes médias e, em especial, às camadas mais pobres da sociedade. Num cenário



de terra arrasada, um dos principais desafios do governo Lula é reconstruir o país e combater a fome. Felizmente, o Brasil caminha firme para superar os problemas.

No caso da fome, Lula já colocou como prioridade garantir a todos os brasileiros uma alimentação digna. Não é razoável haver exportação de bilhões de dólares em grãos e o nosso povo não ter o que comer ou ficar na insegurança de se alimentar ou não no dia seguinte.

Depois de os governos do PT terem tirado o Brasil do Mapa da Fome da ONU, meta alcançada em 2014, o flagelo voltou nos últimos anos, atingindo 33 milhões de pessoas, além de seis em cada dez brasileiros (58,7% da população) viverem com algum grau de insegurança alimentar.

Por decisão de Lula, o combate à fome e da segurança alimentar envolve 24 ministérios. Há ações estratégicas, com a retomada de programas como o Fome Zero e o Compra Direta, e a ampliação dos recursos do Programa Nacional de Agricultura Familiar (Pronaf) para garantir, preferencialmente, a pro-

dução de arroz, feijão, mandioca, trigo, hortigranjeiros e pequenos animais. Esses alimentos são fundamentais para a cesta básica das famílias em situação de risco ou em vulnerabilidade.

A volta do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional

(Consea) marca a nova fase do país. Extinto em 2019, o Consea foi retomado no primeiro dia da gestão do presidente Lula, que também recriou a Câmara Interministerial de Segurança Alimentar e Nutricional (Caisan). São espaços institucionais com a participação e o controle social na formulação, no monitoramento e na avaliação de políticas públicas de segurança alimentar e nutricional.

É preciso destacar também o impulso à agricultura familiar, com a volta do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). O setor, responsável por cerca de 70% dos alimentos consumidos na mesa dos brasileiros, foi abandonado pelo último governo.

O PAA, operacionalizado pelos ministérios do Desenvolvimento Agrário e do Desenvolvimento Social, mais a Conab, conta com aporte de R\$ 500 milhões para a compra direta de alimentos da agricultura familiar. O governo anterior havia destinado apenas R\$ 2,6 milhões para esta ação em 2023.

O PAA permite a compra pú-

blica de produtos da agricultura familiar, com dispensa de licitação, para distribuir a pessoas em situação de insegurança alimentar e nutricional por meio de uma vasta rede socioassistencial, que inclui restaurantes populares, cozinhas comunitárias e bancos de alimentos.

Igualmente importantes são o reajuste do Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae) e a fixação de um percentual mínimo de 30% dos recursos das compras públicas para a agricultura familiar. Em menos de quatro meses de governo, já são R\$ 4 bilhões à disposição da agricultura familiar, agora estimulada depois do descaso do governo que passou.

A volta do Brasil ao Mapa da Fome é o legado drástico do desmonte de políticas públicas promovido nos últimos quatro anos no campo da segurança alimentar. Eliminar este problema é um esforço do governo e de toda a sociedade brasileira, inclusive com o moderno agro-negócio, setor vital da economia que também pode – e deve – se envolver nesse esforço coletivo.

O Brasil, com toda a pujança que tem, do ponto de vista dos recursos naturais, deve ter um modelo econômico sustentável ambientalmente e socialmente justo. O flagelo da fome é uma vergonha nacional. •

Deputado federal pelo Paraná, é líder da bancada do PT na Câmara dos Deputados



MENTIROSO E CHORÃO Flagrado mais uma vez em denúncia de crimes contra a saúde pública, Jair Bolsonaro ensaia novamente um choro diante das câmeras, na tentativa de se eximir de responsabilidade e posar de vítima

FALSIFICAÇÃO: O NOVO CRIME DE JAIR MESSIAS BOLSONARO

Ex-ajudante-de-ordens do presidente entra novamente na mira da PF em escândalo de fraudes nos cartões de vacinação do ex-presidente e da filha. Ele foi preso na quarta-feira e o líder da extrema-direita teve a casa revistada por agentes federais, que apreenderam ainda o celular do ex-capitão

Na última quarta-feira, 3, a Polícia Federal deflagrou a Operação Venire para esclarecer a atuação de associação criminosa constituída para falsificação de cartões de vacina. A PF descobriu a inserção de dados falsos de vacinação contra a Covid-19 nos sistemas do Ministério da Saúde.

A operação causou alvoroço no noticiário e nas redes sociais do país, pois incluiu buscas na casa do ex-presidente Jair Bolsonaro e levou à prisão o seu ex-

ajudante de ordem, o tenente-coronel do Exército Mauro Cid. Na Jovem Pan, Bolsonaro apareceu ao vivo chorando para tentar se explicar. Mas, à PF, ele se recusou a prestar depoimento. O esquema criminoso envolveu até a filha adolescente de Bolsonaro, Laura, de 12 anos.

O depoimento do ex-presidente chegou a ser marcado para as 10h da quarta-feira, mas Bolsonaro decidiu não comparecer. Horas antes do depoimento marcado, a PF cumpriu mandado de busca e apreensão no imó-

vel onde reside com sua esposa, Michele Bolsonaro (PL), em um condomínio a 10 quilômetros do Palácio do Planalto. Na casa de Mauro Cid, agentes da PF apreenderam US\$ 35 mil em espécie e R\$ 16 mil em moeda corrente.

Michele foi às redes sociais para posar de vítimas e jurava não saber do que se tratava a operação. Ela afirmou que foi a única da família a se vacinar, assumindo que a filha Laura, menor de idade, e o marido não foram vacinados. Michele praticamente confirmou que há fraude, portan-

to, nos cartões de vacinação do marido e filha.

A investigação apura a falsificação dos cartões no sistema do Ministério da Saúde. Cid era o homem de confiança de Bolsonaro, inclusive para assuntos pessoais. Também é investigado no caso das joias sauditas, que Bolsonaro tentou importar sem pagar imposto, tentando ainda liberar as joias.

Também foram presos o policial militar Max Guilherme Machado de Moura, segurança de Bolsonaro e ex-sargento do Bope, e o secretário municipal de Saúde da Prefeitura de Duque de Caxias (RJ), João Carlos de Sousa Brecha. Outro detido foi Ailton Gonçalves Moraes Barros, ex-candidato a deputado estadual pelo PL no Rio de Janeiro em 2022 e ex-major do Exército.

O mais surpreendente, segundo investigadores, é a confissão de Ailton de que sabe quem mandou matar a vereadora e ativista Marielle Franco (PSOL-RJ), assassinada em 2018. Em conversa com Mauro Cid, o ex-major dá com a língua nos dentes: “Eu sei dessa história da Marielle toda, irmão. Sei quem mandou. Sei a p... toda. Entendeu?”, diz a mensagem de áudio de Ailton transcrita no relatório da Polícia Federal. No diálogo, no entanto, ele não revela o nome do suposto mandante do crime.

Os dados foram obtidos a partir da quebra de sigilo pela PF do telefone do tenente coronel Mauro Cid. No áudio trocado entre os dois investigados, Ailton afirmou que o ex-vereador do Rio de Janeiro Marcello Moraes Siciliano intermediou a inserção de dados falsos de vacinação nos sistemas do Ministério da Saúde em benefício da esposa de Cid. E que Cid deveria retribuir o favor, colocando Siciliano para conversar com o cônsul dos Estados Unidos no Rio de Janeiro.



EM CANA O tenente-coronel Mauro Cid foi preso pela PF acusado de liderar quadrilha de falsários dos cartões de vacinação contra a Covid

“Deixa comigo, coronel. Vamos ver, vamos ver o que eu consigo aqui”, respondeu Cid.

A operação foi autorizada pelo ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Alexandre de Moraes, dentro do inquérito das milícias digitais. A fraude consistiu na manipulação de inserções falsas de vacinas que nunca foram aplicadas. Os registros fraudados ocorreram entre novembro de 2021 e dezembro de 2022 e beneficiaram o próprio

Bolsonaro, a filha, o AJO Cid, a mulher dele e outros assessores.

Registros indicam que acessos foram feitos de computador do Palácio do Planalto em dezembro, dois dias antes de ex-presidente viajar aos EUA, para um autoexílio de dois meses. “Com isso, tais pessoas puderam emitir os respectivos certificados de vacinação e utilizá-los para burlarem as restrições sanitárias vigentes imposta pelos poderes públicos (Brasil e Estados Unidos) destinadas a impedir a propagação de doença contagiosa, no caso, a pandemia de Covid”, diz nota da PF. Ao todo, foram 16 mandados de busca e apreensão e seis mandados de prisão preventiva, em Brasília e no Rio de Janeiro

A operação, é claro, virou meme, especialmente após Bolsonaro aparecer chorando no Pânico, da Jovem Pan, horas depois de ter se negado a prestar depoimento marcado pela PF. Imagens com a mascote da vacinação no Brasil, o Zé Gotinha, prendendo Bolsonaro, ou tirando a fantasia e aparecer o rosto de Alexandre de Moraes viralizaram.

No Twitter, usuários fizeram piada dizendo que “o roteirista do Brasil vai prender Bolsonaro por falsificação de cartão de va-

A AÇÃO DA QUADRILHA DE FALSÁRIOS DOS CARTÕES DE VACINAÇÃO DO SUS COLOCA BOLSONARO EM NOVA ENCRENCA PERANTE A JUSTIÇA



Reprodução/Facebook

MORREU PRO EXÉRCITO, MAS NÃO PARA O EX-PRESIDENTE

O mundo das milícias bolsonaristas é repleto de histórias inacreditáveis. Depois das rachadinhas dos filhos, agora sabe-se que um dos presos na operação da PF que investiga o escândalo das fraudes nos cartões de vacinação é dado como morto para o Exército brasileiro.

Preso nesta semana por envolvimento em possível fraude no cartão de vacinação de Jair Bolsonaro, o advogado e ex-major do Exército Ailton Barros transmitiu uma pensão militar para sua esposa mesmo depois de ser expulso do Exército.

O portal da Transparência registra que Marinalva Barros recebe de pensão R\$ 22,8 mil brutos por mês, ou R\$ 14,9 mil líquidos. Ela recebe pensão desde outubro de 2008. Ailton é registrado como "morto" nos sistemas de informática do governo, mas apenas por questões burocráticas. É um "morto ficto", segundo o Exército.

O ex-major "foi considerado incompatível com o Oficialato", segundo o Exército informou ao UOL. Ele foi expulso em data ainda desconhecida. Mas a decisão final que confirmou sua expulsão foi dada pelo Superior Tribunal Militar em janeiro de 2014.

"O ex-militar foi incluído no sistema como 'morto ficto' para que seus beneficiários legais [no caso a esposa] pudessem receber a pensão correspondente ao posto, cumprindo o previsto na legislação", disse o Exército. "A punição do militar não deve atingir seus dependentes". •

TÁ VIVO? O ex-major Aílton de Barros, que concorreu a deputado federal pelo PL do Rio de Janeiro, é considerado morto pelo Exército brasileiro

cina". Fora do país, o jornal inglês *The Guardian*, o americano *Washington Post* e o argentino *La Nación* foram alguns dos veículos que deram destaque à operação e o envolvimento de Bolsonaro em falsidade ideológica, associação criminosa e corrupção de menor. As agências de notícias Reuters, Associated Press e Bloomberg também alardearam o envolvimento direto do ex-presidente no esquema de violação da legislação sanitária.

Na pantomima montada na Jovem Pan, Bolsonaro negou tudo, aos prantos. Disse que realmente não tomou os imunizantes, como sempre bradou, e que ao viajar não teve nenhuma necessidade de apresentar o documento.

Mas o fato é que os dados de sua vacinação, assim como de sua filha e assessores foram inseridos no sistema do Ministério da Saúde. A fraude foi descoberta por uma investigação que identificou inconsistência nos registros, com lotes destinados a uma determinada cidade, em Goiás, sendo aplicado em outro município, no Rio de Janeiro. Em suas redes sociais, o filho do ex-presidente, Eduardo Bolsonaro, criticou a PF e falou em "perseguição da esquerda".

No final da quarta-feira, Alexandre de Moraes determinou o depoimento de profissionais de saúde citados na fraude dos cartões de vacinação de Bolsonaro. Segundo o ofício da PF, um dos profissionais, Diego, teria aplicado uma dose da vacina contra a Covid-19, da fabricante Pfizer-Cominarty, em 13 de agosto de 2022 em Duque de Caxias. A outra profissional, Silvana, teria dado a vacina da mesma fabricante no dia 14 de outubro de 2022, no mesmo local. Bolsonaro não esteve na cidade nessas ocasiões.

Entre as condutas investigadas e que podem configurar crimes estão: infração de medida sanitária preventiva; associação criminosa; inserção de dados falsos em sistemas de informação; e corrupção de menores. Os itens apreendidos, como o telefone particular de Jair Bolsonaro e o dinheiro vivo na casa de Mauro Cid podem revelar inúmeras outras irregularidades pelo qual o político e seus assessores são novamente investigados. Isso sem falar dos outros processos movidos contra o ex-presidente na Justiça Federal e na Eleitoral. O risco dele ser preso está próximo de acontecer agora. •

9 de maio de 1964

CARLOS MARIGHELLA RESISTE À PRISÃO

O ex-deputado comunista Carlos Marighella é localizado e preso por agentes do Dops carioca dentro de um cinema no bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro. Enfrentando os policiais com socos e gritos de “abaixo a ditadura militar fascista!” e “viva a democracia!”, Marighella recebeu um tiro à queima-roupa no peito. Dominado, foi levado ao Hospital Souza Aguiar e de lá para a Penitenciária Lemos Brito.

Por sua atuação como deputado federal nos anos 1940 e pela articulação de grandes greves e protestos, Marighella tornou-se o mais famoso dirigente do PCB, superado apenas pelo secretário-geral Luiz Carlos Prestes. Ficou três meses preso e, antes de cair mais uma vez na clandestinidade, publicou em 1965 o livro “Por que resisti à prisão”, uma denúncia



contra a ditadura militar.

Marighella iria se distanciar progressivamente da direção do PCB até romper com a legenda em 1967. Tornaria-se comandante da Ação Libertadora Nacional (ALN), a maior organização de guerrilha urbana do país naquele período.

O dirigente comunista tornou-se um dos mais procurados inimigos da ditadura e, em 1969, foi morto em emboscada, numa ação coordenada pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury, um dos mais sanguinários agentes do aparelho de repressão da ditadura militar.

13 de maio de 1964

DITADURA BRASILEIRA ROMPE AS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS COM CUBA

O Brasil rompe relações diplomáticas com Cuba, assinalando a mudança de orientação da política externa brasileira. Até o governo Jango, o país adotava uma linha de independência em relação aos blocos político-militares da Guerra Fria. Na Organização dos Estados Americanos (OEA), o Brasil havia negado apoio à expulsão dos cubanos proposta pelos EUA.

A nova atitude em relação a Cuba, primeiro país da América Latina a se declarar socialista, decorreu do alinhamento ideológico e diplomático aos norte-americanos, que combatiam o regime de Fidel Castro. Como recompensa, os EUA ofereceriam ajuda econômica e militar à ditadura brasileira.

14 de maio de 1990

TRABALHADORES FAZEM GREVE E CONSEGUEM FECHAR ACORDO NA CSN

Cerca de 4 mil metalúrgicos ocupam a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em Volta Redonda (RJ), para impedir a demissão de 2 mil trabalhadores. A direção da empresa justificava a medida pela necessidade de reduzir custos operacionais e preparar a privatização da companhia.

Após uma paralisação de 12 horas, 625 funcionários foram readmitidos. A empresa firmou o compromisso de discutir com o Sindicato de Metalúrgicos de Volta Redonda novas medidas.

Para o diretor do sindicato, Jadir Batista, outras medidas de contenção de gastos poderiam ser adotadas, como a “demissão dos militares reformados que trabalham na CSN e moram de graça nas residências dos oficiais do Exército”.

Maio de 1964

'PIF-PAF' DE MILLÔR RENOVA O HUMOR

Lançada poucas semanas depois do golpe militar, a revista "Pif-Paf" abre o ciclo da imprensa alternativa que atuou corajosamente na frente de resistência à ditadura ao longo dos anos 1970 e 1980.

Editada por Millôr Fernandes, que mantinha coluna com o mesmo título na revista "O Cruzeiro" desde meados dos anos 1940, a nova publicação tinha entre seus colaboradores Jaguar, Claudius, Fortuna, Ziraldo e Sérgio Porto.

A irreverência desses mestres do humor político não seria tolerada pelos militares, e a revista fechou no seu oitavo número, depois de ameaças e prisões. Millôr vaticinou o fim da revista numa finíssima peça de humor e provocação: "Se o governo continuar deixando circular essa revista (...) dentro em breve estaremos caindo numa democracia".

A imprensa alternativa, também chamada de nanica num contraponto à chamada grande imprensa, foi uma marca registra-



da da luta contra a ditadura militar. Alguns tiveram vida curta, mas outros bateram recordes de edições e de tiragem, sobrevivendo por vários anos. "O Pasquim" foi o que mais durou, ao lado de "Opinião" e "Movimento".

Entre os muitos títulos da imprensa nanica destacaram-se "Versus", "CooJornal", "Em Tempo", "Hora do Povo", "Repórter", "Brasil Mulher", "Lampião" e "Tição".

Maio de 1966

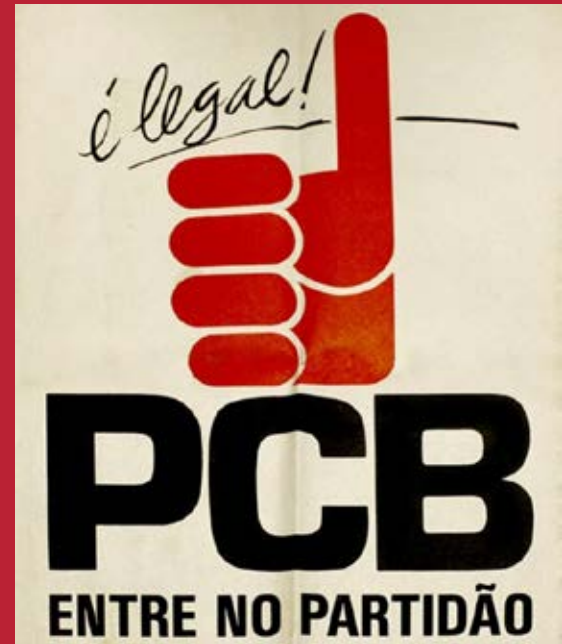
A RESISTÊNCIA SOBE AO PALCO DO TEATRO

Na produção teatral de 1966, três peças se destacam pelas críticas à realidade política e social brasileira, tornando-se referência na dramaturgia do país: "O Berço do Herói", de Dias Gomes; "Navalha na Carne", de Plínio Marcos; e "Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come", de Oduvaldo Vianna Filho, o Vianninha.

Inspirada nas experiências do Centro Popular de Cultura (CPC) da UNE, "Morte e Vida Severina", de João Cabral de Melo Neto,

vence em maio de 1966 o 4º Festival Mundial de Teatro Universitário em Nancy, na França. O cantor e compositor Chico Buarque de Holanda musicou os versos de João Cabral de Melo Neto.

Foi a peça de estreia do grupo de Teatro da Universidade Católica (Tuca). Inaugurado em setembro de 1965, o espaço do Tuca, em São Paulo, se tornaria nos anos seguintes um palco de manifestações culturais e políticas contra a ditadura militar brasileira.



10 de maio de 1985

COMUNISTAS VOLTAM PARA A LEGALIDADE

A aprovação do Emendão devolveu a legalidade aos partidos proscritos. Assim, o Partido Comunista Brasileiro (PCB), criado em 1922 e posto na ilegalidade em 1946, pôde finalmente recobrar seu registro e o direito de participar das eleições e da vida política nacional. A medida beneficiou também o Partido Comunista do Brasil (PCdoB).

O PCdoB, na resistência à ditadura, organizou a guerrilha do Araguaia, cujos militantes foram quase todos executados pelas forças da repressão. O movimento foi encabeçado por João Amazonas (1912-2002), Pedro Pomar (1913-1976), assassinado na chacina da Lapa, e Mauricio Grabois (1912-1973), morto no Araguaia.

Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Envie suas sugestões por e-mail para memoria@fpabramo.org.br memorialdademocracia.com.br

10 de maio de 1985

EMENDÃO REMOVE O LIXO AUTORITÁRIO

Menos de dois meses depois da posse do presidente José Sarney, é aprovado pelo Congresso Nacional o Emendão, como ficou conhecido o pacote de emendas constitucionais que alteraria vários dispositivos da Constituição em vigor, outorgada em 1967 pelos militares.

A supressão de todos os atos de exceção e dispositivos legais antidemocráticos foi um dos compromissos firmados pela Aliança Democrática - a coalizão entre o PMDB e dissidentes do PDS (Frente Liberal) que elegeu Tancredo Neves e José Sarney no Colégio Eleitoral. No processo de abertura do regime iniciado pelo ex-presidente Ernesto Geisel, já havia sido revogado em dezembro de 1978 o Ato Institucional nº 5 (AI-5).

O Emendão extinguiu o Colégio Eleitoral, que formalizava a eleição indireta dos generais presidentes na ditadura, e restabeleceu as eleições diretas para presidente e para todos os cargos eletivos. A legislação partidária foi modificada para permitir também a legalização de partidos proscritos, como o PCB e o PCdoB.

Os eleitores nas capitais estaduais, estâncias hidrominerais e municípios de segurança nacional reconquistaram o direito de escolher seus prefeitos pelo voto direto. O Emendão suprimiu também as sublegendas na eleição de senadores e a obrigatoriedade da fidelidade partidária, que impedia os políticos eleitos de mudarem de legenda. Garantiu, finalmente, o direito facultativo de voto aos analfabetos, excluídos desde 1881 do exercício democrático.

12 de maio de 1980

GOLBERY TIRA DE BRIZOLA A SIGLA PTB

Agência O Globo

O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) concede a legenda e a sigla do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) ao grupo encabeçado pela ex-deputada Ivete Vargas, que havia feito o pedido de registro antes do ex-governador Leonel Brizola. A decisão é um golpe nos planos de Brizola, que pretendia retomar a sigla histórica depois de 15 anos de exílio. Ao saber da decisão do TSE, Brizola chorou e, num gesto teatral, escreveu as letras PTB em uma folha de papel para em seguida rasgá-la diante das câmeras.

"Consumou-se o esbulho", afirmou Brizola, acusando o general Golbery do Couto e Silva, mentor da "abertura", de ter patrocinado a adversária. O PTB original foi criado por Getúlio Vargas em 1945 e era o partido do presidente João Goulart, deposto pelo golpe de 1964. Pelo PTB, Brizola foi o deputado mais votado do Brasil em 1962 e pretendia disputar as eleições presidenciais de 1965, abortadas pelo golpe. Quinze anos depois, a legenda e o trabalhismo ainda tinham forte apelo eleitoral no Brasil.

Brizola já trabalhava para refun-



dar o PTB há bastante tempo. Em 1979, antes da anistia, organizou um encontro de lideranças socialistas em Lisboa com esse objetivo. Os textos aprovados nessa reunião defendiam um "Novo Trabalhismo", que lutasse para construir "uma sociedade socialista e democrática".

Derrotado na disputa pela sigla do PTB, Brizola fundaria o Partido Democrático Trabalhista (PDT) com forte presença no Rio Grande do Sul e no Rio.

12 de maio de 1988

MOVIMENTO NEGRO SE TORNA MAIS ATUANTE

No centenário da assinatura da Lei Áurea, as principais entidades do movimento negro se recusam a participar de festas oficiais, focadas na figura da princesa Isabel. As organizações realizam atos públicos em diversas cidades do país, que lembram a luta dos escravos. Os militantes protestam contra a discriminação, a exclusão e os problemas sociais ainda enfrentados pela população afrodescendente.

No Rio de Janeiro, grupos saem às ruas entoando versos contra o racismo no Brasil, como os do samba-enredo da Mangueira: "Será que já raiou a liberdade ou foi tudo uma ilusão?"

Apesar da natureza pacífica do protesto, a polícia cercou os manifestantes, impedindo-os de se aproximar do monumento a Duque de Caxias, considerado por alguns como um símbolo da sociedade escravocrata.

10 de maio de 1986

PADRE JOSIMO É ASSASSINADO

O padre Josimo Tavares, da Comissão Pastoral da Terra (CPT), é assassinado com dois tiros dados pelas costas pelo pistoleiro Geraldo Rodrigues, em Imperatriz (MA). Pelo crime, Geraldo recebeu 50 mil cruzados de Osmar Teodoro da Silva, proprietário de terras e vereador pelo PMDB. O padre foi vítima da repressão no campo na sua forma privada, em que milícias, jagunços e matadores resolvem, por meio do assassinato, as pendências da posse da terra.

Diante da reação popular pela morte do padre Josimo, o ministro da Reforma Agrária, Nelson Ribeiro, e o diretor da Polícia Federal, Romeu Tuma, presentes ao enterro, diante de cerca de 3 mil pessoas garantiram que a justiça seria feita. Em 1988, o pistoleiro foi condenado a 18 anos de prisão, mas fugiu diversas vezes da cadeia. Osmar Teodoro da Silva foi preso em 2001 e condenado a 19 anos em 2003.

Poucos dias antes de sua morte, o sacerdote escreveu em testamento: "Nem o medo me detém. É hora de assumir. Morro por uma causa justa. Agora, quero que vocês entendam o seguinte: tudo isso que está acontecendo é uma consequência lógica do meu trabalho na luta e defesa dos pobres, em prol do Evangelho, que me levou a assumir essa luta até as últimas consequências".



12 de maio de 1978

MÁQUINAS FICAM PARADAS NAS FÁBRICAS DO ABC

Trabalhadores do turno da manhã da fábrica de caminhões da Scania-Vabis, em São Bernardo do Campo (SP), batem o cartão de ponto e cruzam os braços diante das máquinas. É o início de uma onda de greves por melhores salários que iria tomar conta da região do ABC paulista e se espalhar pelo país nos meses seguintes. Um dos líderes do movimento é Luiz Inácio Lula da Silva (foto).

A paralisação na Scania desafiava a lei antigreve da ditadura e surpreendeu os patrões por sua organização: sem piquetes e com a adesão pacífica dos quase 2.500 trabalhadores de todos os turnos. A principal reivindicação era um reajuste salarial de 20%, acima do índice oficial do governo, um desdobramento da campanha pela reposição salarial deflagrada pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema em setembro do ano anterior.

A diretoria do sindicato foi chamada pela empresa para intermediar a negociação com os grevistas. Em 15 de maio, assembleia dos trabalhadores rejeitaria a proposta patronal de reajuste

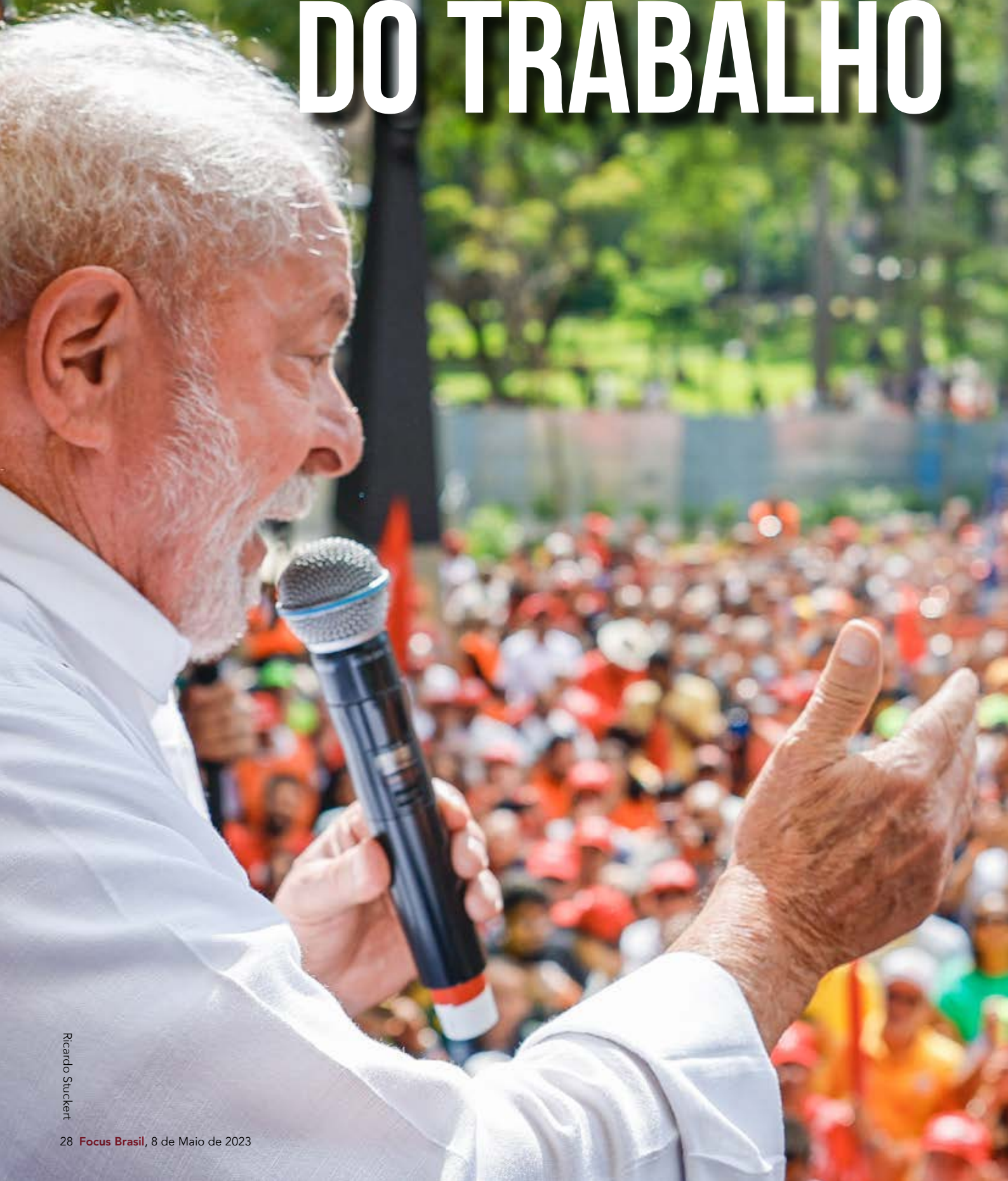
de 6,5% e deu prazo de três dias para que a empresa melhorasse a oferta.

Naquela altura, a greve já tinha se estendido aos 10 mil metalúrgicos da Ford e aos 1.500 da Mercedes-Benz. Na fábrica da Volks, a greve começou em um setor em que trabalhavam mais de mil operários. O sindicato conduziu as negociações caso a caso, como havia feito na Scania. Entre maio e agosto, cerca de 120 mil trabalhadores de 132 empresas do ABC paulista conseguiram aumentos e antecipações salariais, como resultado direto ou indireto do movimento grevista.

A primeira onda de greves dos metalúrgicos do ABC fortaleceu a organização dos trabalhadores em torno do sindicato e serviu de exemplo para outras categorias por todo o país. O modelo de negociação por empresa desconstituiu, na prática, a estrutura oficial de federações patronais e de empregados, que se limitava a aplicar a política salarial do governo. As greves sem piquetes, organizadas por comissões de fábrica, fortaleceram a organização por local de trabalho, que também não era prevista na legislação.

ECONOMIA

VALORIZAÇÃO DO TRABALHO



Presidente Lula anuncia aumento real do salário mínimo e mudança na faixa de isenção do Imposto de Renda, durante pronunciamento em cadeia de rádio e televisão, na véspera do Dia do Trabalhador. Novo piso vai agora para R\$ 1.320

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva enviou ao Congresso Nacional o texto do projeto de lei que restabelece a política de valorização real do salário mínimo. “O projeto de lei é para que esta conquista seja permanente, e o salário mínimo volte a ser reajustado todos os anos acima da inflação, como acontecia quando governamos o Brasil”, afirmou Lula.

“A partir de amanhã, o salário mínimo passa a valer R\$ 1.320 reais para trabalhadores da ativa, aposentados e pensionistas. É um aumento pequeno, mas real, acima da inflação, pela primeira vez depois de seis anos”, comentou o presidente. Desde a queda de Dilma Rousseff com o impeachment em 2016, o país não tem aumento real do salário mínimo.

Em pronunciamento em rede nacional de rádio e televisão no domingo, 30, Lula antecipou o conceito que o projeto pretendia resgatar. O salário mínimo é referência para repasses diretos do governo federal a mais de 25 milhões de brasileiros, via aposentadorias, pensões, benefício de prestação continuada e seguro desemprego. Juntos, são R\$ 470 bilhões por ano.

Ele também anunciou a nova faixa de isenção do Imposto de Renda: “Estamos mudando a faixa de isenção do imposto de renda que, há oito anos estava congelada em R\$ 1.903”, disse. “A partir de agora, o valor até R\$ 2.640 por mês não pagará mais nem um centavo de imposto de renda. E, até o final

do meu mandato, a isenção valerá para até R\$ 5 mil por mês”.

Lula também disse em seu pronunciamento que não haverá reconstrução do Brasil sem a valorização dos trabalhadores. “O Brasil vai voltar a crescer com inclusão social e novos empregos serão criados”, disse. “Podem estar certos de que o esforço do seu trabalho será cada vez mais reconhecido e recompensado. E o Primeiro de Maio, que sempre foi um dia de luta, voltará a ser também um dia de conquistas para o povo trabalhador”. O aumento real do salário mínimo era compromisso de campanha do presidente.

Instituída em 2007 e transformada em lei em 2011, a política de valorização do salário mínimo foi interrompida na gestão anterior de Jair Bolsonaro. A iniciativa foi fundamental para que o mínimo alcançasse aumento real de 77% entre 2003 e 2015, contribuísse para a retirada do país do Mapa da Fome e para a redução da desigualdade social.

“É preciso lembrar que a valorização do salário mínimo não é essencial apenas para quem ganha salário mínimo. Com mais dinheiro em circulação, as vendas do comércio aumentam, a indústria produz mais. A roda da economia volta a girar e novos empregos são criados”, lembrou.

Lula declarou que o salário mínimo voltará a ser reajustado todos os anos acima da inflação. “Estejam certos de que, até o fim do meu mandato, ele voltará a ser um grande instrumento de transformação social que foi no passado”, lembrou. •

GOVERNO ANTECIPA O 13º SALÁRIO

O governo Lula anunciou o investimento de R\$ 62,6 bilhões para antecipar o 13º salário de 30 milhões de segurados da Previdência Social e movimentar a economia do país, prejudicada pela herança econômica do governo ultraliberal de Jair Bolsonaro e pelas altas taxas de juros praticadas pelo Banco Central.

Assinado pelo presidente Lula na quinta-feira, 5, o decreto determina o pagamento do 13º para dependentes do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) em duas parcelas, sendo a primeira (50%) em maio, a ser paga a partir do 25, e a segunda (os outros 50%) em junho, a partir do dia 26.

Os valores já serão pagos com o reajuste do salário mínimo, anunciado pelo presidente no dia 1º de maio, no valor de R\$ 1.320. Com Lula, a valorização do salário mínimo resultou no aumento de aproximadamente 9% em 2023, passando de R\$ 1.212 para 1.320.

O presidente encaminhou ainda ao Congresso Nacional um projeto de lei com diretrizes que garantem o aumento real para 2024 de acordo com a taxa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) do país.

A medida alcança aposentados, pensionistas e pessoas que tenham recebido auxílio por incapacidade temporária, auxílio-acidente, aposentadoria, pensão por morte ou auxílio-reclusão. •



Tom Phillips/The Guardian

OPERAÇÃO CONTINUA Desde fevereiro, o governo federal deslocou tropas da Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal, Ministério da Defesa e Ibama para retirar garimpeiros que estão explorando a reserva ianomami

MORTES NA TERRA IANOMÂMI

A Polícia Federal investiga mais oito mortes na reserva indígena em Roraima, onde garimpeiros continuam atuando fora da lei. Neste ano, já haviam morrido 42 pessoas na reserva federal

A batalha do Brasil para recuperar o seu maior território indígena de dezenas de milhares de garimpeiros ilegais tomou um rumo mortal depois que pelo menos oito pessoas foram mortas durante 36 horas de violência no extenso território indígena a área ianomami da Amazônia. O derramamento de sangue começou na tarde de sábado, 29, quando garimpeiros mascarados supostamente lançaram um ataque a uma aldeia chamada Uxiu.

O líder ianomami Júnior

Hekurari disse ter recebido informações de que entre 15 e 20 garimpeiros fortemente armados chegaram de barco e abriram fogo contra os moradores. Três homens ianomami - de 36, 31 e 24 anos - foram baleados. O mais velho, um indígena sanitaria chamado Ilson Xiriana, morreu cedo após ser baleado na cabeça.

"Essa barbaridade não ficará sem resposta", disse o ministro dos Direitos Humanos, Silvano Almeida, enquanto o governo enviava uma delegação de alto nível de ministros e chefes de polícia à região em resposta. As

ministras do Meio Ambiente, Marina Silva; da Saúde, Nísia Trindade; e dos Povos Indígenas, Sonia Guajajara, visitaram a região na segunda-feira, 1º de maio, acompanhadas da presidenta da Fundação Nacional do Índio (Funai), Joênia Wapichana.

No domingo, 30, houve mais violência em outra parte do território ianomami, que tem uma área do tamanho de Portugal. Pelo menos quatro garimpeiros foram mortos por membros das forças do grupo de proteção ambiental Ibama e da Polícia Rodoviária Federal (PRF) - os dois grupos que lideram o ataque

contra garimpeiros ilegais – invadiram uma jazida ilegal de cassiterita e ouro chamada “Garimpo do Ouro Mil”. A chegada deles provocou uma série de tiroteios enquanto homens armados – alguns vestindo uniformes camuflados – desafiavam as forças do governo.

Em nota, a PRF disse que agentes foram atacados por pistoleiros fortemente armados quando seus helicópteros tentavam pousar. “A polícia revidou e atingiu os quatro atiradores, que não resistiram aos ferimentos”, acrescentou o comunicado. A polícia recuperou “um arsenal”, incluindo um rifle de assalto, três pistolas, sete espingardas e duas miras a laser.

O Ministério do Meio Ambiente anunciou que havia suspeitas de que a mina era comandada por uma organização criminosa, conhecida como o Primeiro Comando da Capital (PCC) – uma quadrilha carcerária nascida em São Paulo que se tornou uma das organizações criminosas mais poderosas da América do Sul.

As mortes destacam os desafios e perigos envolvidos nos esforços do governo Lula para expulsar milhares de garimpeiros ilegais que devastaram o território ianomami nos últimos anos, causando o que o presidente chamou de “uma tentativa de genocídio” do grupo indígena.

Apenas em 2023, 42 indígenas morreram na terra ianomami, segundo o Ministério da Saúde. Outros seis óbitos estão sob investigação. De acordo com o governo Lula, doenças associadas à fome estão entre as principais causas das mortes. As principais causas dos óbitos foram desnutrição grave, diarreia e pneumonia, doenças associadas à fome.

As operações de desobstrução de terras indígenas começaram ainda em fevereiro, depois que Lula assumiu o governo prometendo enfrentar os criminosos ambientais. Ativistas acusaram o líder da extrema-direita, Jair Bolsonaro, de encorajar a exploração ilegal dos recursos nas terras indígenas.

Centenas de crianças ianomami teriam morrido de doenças curáveis durante o governo

AGENTES DA PRF FORAM ATACADOS POR PISTOLEIROS FORTEMENTE ARMADOS QUANDO OS HELICÓPTEROS TENTAVAM POUSAR NA RESERVA INDÍGENA

Bolsonaro, em parte porque as quadrilhas de garimpeiros trouxeram consigo uma explosão de malária e impossibilitaram o trabalho das equipes de saúde. Durante o governo do líder extremista o desmatamento disparou na Amazônia.

Em entrevista, o chefe do recém-criado departamento da Polícia Federal para o meio ambiente e a Amazônia, Humberto Freire, disse estar “absolutamente confiante” de que a cruzada antiminação terá sucesso. “Es-

timamos que havia de 15 mil a 20 mil garimpeiros nas terras ianomami”, declarou. Mais de 90% desse contingente de garimpeiros deixou a área.

Segundo o Ibama, 327 garimpos, 18 aviões e dois helicópteros já foram destruídos. Apesar disso, agentes acreditam que um número considerável de garimpeiros continue operando em terras protegidas, usando uma frota ilegal de helicópteros para abastecer suas minas – e contrabandar minerais valiosos.

Freire disse que o fechamento completo do espaço aéreo ianomami a essas aeronaves não é apenas crítico, mas essencial. “A menos que o espaço aéreo [sobre o território] seja totalmente fechado e vejamos ações do Ministério da Defesa que detenham todas as aeronaves não autorizadas sobrevoando as terras indígenas, a operação não terá sucesso”, alertou.

O presidente do Ibama, Rodrigo Agostinho, também voou para a região, dizendo a repórteres que Lula havia dado ordens para acelerar a expulsão dos garimpeiros após o ataque de sábado.

Na terça-feira, 2, durante coletiva de imprensa sobre a retirada de ocupantes ilegais de terras indígenas do Pará, a ministra Sônia Guajajara falou sobre a situação na reserva. “Agora com essas pessoas que estão lá resistentes a permanecer dentro do território, que são mesmo esses garimpeiros criminosos que estão foragidos da Justiça, a maioria que resiste sair está procurando conflitos, estão provocando os indígenas ali dentro. Então é importante que haja uma intensificação da ação ali. E concluir essa operação, essa operação libertação o quanto antes”, disse. •



CHOQUE A estreia dos Secos & Molhados, o grupo formado por Ney Matogrosso, João Ricardo e Gérson Conrad, foi estrondosa e balançou os alicerces da MPB. Performática e andrógina, a banda afrontou a ditadura militar

O ESTRANHO ANO DE 1973

Em plena ditadura, no pior momento dos anos de chumbo, a MPB sofreu um choque. Foi o ano das estreias dos Secos e Molhados, Fagner, Luiz Melodia, Raul Seixas e Sérgio Sampaio. Essas novas estrelas surgiam para dar uma sacudida na produção musical do país

Bia Abramo

Corria o ano de 1973 e as televisões de muitas casas brasileiras estavam ligadas no “Fantástico”, programa dominical noturno de variedades, espécie de revista televisiva que combinava reportagem, sensacionalismo, futebol e pequenos vídeos de música. Numa noite dessa daquele ano ainda sob o tacho da censura prévia da ditadura,

anunciaram um novo grupo musical, chamado Secos e Molhados.

Três homens jovens, todos muito bonitos com cabelos longos e maquiagem teatral, apareceram num palco cenográfico. De repente, uma voz agudíssima começa a cantar algo que parecia rock, com uma segunda parte que lembrava um “vira” português.

A letra era fantasiosa, com imagens que se encaixariam bem numa peça infantil (“Bailam corujas e pirilampos/Entre os sacis e as

fadas/ E lá no fundo azul da noite na floresta/ A lua iluminou/A dança, a roda, a festa”), mas o refrão e a coreografia do vocalista não deixavam dúvida sobre de que tipo de transformação se tratava: “Vira, vira, vira homem, vira, vira lobisomem”.

Ney Matogrosso, João Ricardo e Gérson Conrad fizeram história com um clipe improvisado, como aqueles que o “Fantástico” produzia. “O Vira”, a canção que estreou naquela noite da qual ainda me



RENOVAÇÃO O jovem Luiz Melodia, que teve "Pérola Negra" gravada por Gal Costa no ano anterior, gravou seu primeiro álbum, assim como Sérgio Sampaio, que caiu no gosto popular com "Eu quero é botar meu bloco na rua"

lembro com nitidez, cairia no gosto das crianças – inclusive aquela que eu era – e no desgosto das “senhoras de Santana” metafóricas: a ambiguidade sexual que emanava da performance em palco, as imagens perturbadoras da capa do LP homônimo que chegaria às lojas de discos em agosto de 1973 e a estranheza da música que não se encaixava em nenhum dos rótulos mais conhecidos.

Era uma aposta arriscadíssima, mas que foi vencida pela qualidade do inesperado – e pelo acerto de tentar trazer algo de novo. O ambiente da música popular brasileira em 1973 não era dos mais favoráveis. Depois do final dos grandes festivais de música na televisão, que funcionaram como uma vitrine de lançamentos das novidades, do exílio de alguns dos principais nomes surgidos nesse ambiente e da ação pesada da censura oficial, a chamada MPB amargou uma longa encruzilhada.

Se 1972, apesar da repressão política pesada do pós-1968, foi um ano de ouro, com o lançamento de discos considerados até hoje fundamentais na MPB por críticos e pesquisadores musicais, 1973 foi um ano de uma longa ressaca de grandes nomes.

Ao mesmo tempo, a MPB vendia – e muito. Claro que menos na comparação com um astro como Roberto Carlos ou os ritmos mais

populares/regionais como samba, forró e até o que se convencionou chamar de “brega”, mas, ainda assim, os herdeiros da era dos festivais e da bossa nova – Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque, Elis Regina, Milton Nascimento, entre outros – eram quase que garantia de boas vendas e espaço na imprensa. Não à toa, a Polygram, gravadora que lançava e produzia a maior parte desses grandes nomes, promoveu em maio um festival que se tornou notável em São Paulo, no Palácio

de Convenções no Anhembi. Chamou-se Phono 73.

Por horas, apresentaram-se num formato que hoje em dia chamaria-se de pocket shows “todo mundo” que importava: da dupla comportada formada pelo diplomata-poeta Vinicius de Moraes e o excepcional violonista Toquinho aos estrepentes roqueiros hippies Raul Seixas e Sérgio Sampaio, do intrincado Hermeto Paschoal ao Odair José, passaram por aqueles quatro dias em maio a fina flor da MPB.

Mesmo à época, com os jornais sob censura prévia, uma cena ficaria gravada na história: a letra de “Cálice”, a colaboração de Gil e Chico, havia sido censurada e já sofrido alterações. Gil e Chico não poderiam cantar a letra toda, mas resolveram apresentá-la mesmo assim, cantando os trechos liberados e vocalizando os proibidos. Mesmo assim, Chico teve seu microfone cortado e abandonou o palco, não sem antes fazer um minidiscorso contra a censura e soltar uns tantos palavrões.

Além das notícias sobre o gesto de Chico, o Phono 73 levantou outras polêmicas acirradas na imprensa da época, por conta do gigantismo do projeto, atrasos injustificáveis, qualidade de som etc. Ainda assim, rendeu três LPs que entraram nas paradas de discos mais vendidos e lá ficaram até o

O ANO 1973 FOI UMA LONGA RESSACA DE GRANDES NOMES DA MPB, MAS TROUXE UM SOPRO DE RENOVAÇÃO NA PRODUÇÃO MUSICAL



Fotos: Reprodução



ESTRANHEZAS Raul Seixas lançou em 1973 o álbum “Krig Ha Bandolo”, que tinha baião e rock, enquanto Raimundo Fagner estreava com “Manera Fru Fru Manera - A Volta do Pau de Arara”, outro marco da MPB

final do ano, que não teve lançamentos importantes das grandes estrelas.

Do grupo tropicalista, Caetano Veloso tinha iniciado o ano com o pretensioso “Araçá Azul”, disco em que ele tenta tomar passo com alguma ideia de vanguarda. Gilberto Gil não lançaria nenhum LP de estúdio naquele ano. A exceção seria Milton Nascimento, que depois do álbum duplo e coletivo “Clube da Esquina” em 1972, entrou em estúdio para gravar “Milagres dos Peixes”, o disco que aponta uma virada de rumos musicais – e que foi uma espécie de trauma para o cantor pois a censura vetou várias letras. As faixas desta pequena obra-prima foram gravadas mesmo assim, contando com o exuberante instrumental e a voz enorme de Milton.

Da mesma forma Chico Buarque lançaria um disco igualmente mutilado naquele triste 1973, aquele que continha a trilha sonora da peça “Calabar, O Elogio da Traição” e que entrou nas lojas com o enigmático nome de “Chico Canta”.

Essa espécie de vácuo dos grandes nomes, no entanto, permitiu que além dos Secos e Molhados, outros artistas daquele ano tivessem estreias impactantes: Raul Seixas, com “Krig Ha Bandolo”, Sérgio Sampaio com “Eu Quero é Botar Meu Bloco na Rua”, Fagner

com “Manera Fru Fru Manera - A Volta do Pau de Arara” e Luiz Melodia com “Pérola Negra”.

O “Krig Ha Bandolo”, de Raul Seixas faria uma trajetória semelhante à dos Secos e Molhados. De certa forma, pelas frestas vinha uma música brasileira já mais informada da contracultura, que ia além dos Beatles e Rolling Stones, mas que mantinha um lastro forte tanto o período anterior como com outras tradições da música brasileira para além da dupla tropicalismo-bossa nova.

A canção “Ouro de Tolo”, com sua letra que descrevia a crônica da classe média urbana, já desencantada das promessas da ditadu-

ra e do milagre brasileiro, também caiu nas graças do público. A sólida formação roqueira de Raul, que tocava guitarra e versões de rockabilly desde a adolescência, e sua experiência mais recente como produtor em gravadoras no Rio, produziram um álbum anguloso, com rocks experimentais como “A Mosca na Sopa”, e “Metamorfose Ambulante”.

Todos esses clássicos cantados no sotaque incontornável de soteropolitano de Raul, em cima de uma sólida cama instrumental, com batidas de baixo e bateria que, em alguns momentos, ecoavam baião e samba de roda baiano. A partir de “Krig Ha Ban-

Reprodução



CENSURA Gilberto Gil e Chico Buarque compuseram “Cálice” em 1973, apresentando-a no festival Phono 73. A obra foi mutilada pela Censura

dolo” e de “Gitá”, o nome de Raul estaria plasmado como sinônimo de roqueiro e assim seguiria até a morte.

Outra estrela daquele 1973 foi Sérgio Sampaio, que conhecia Raul Seixas dos estúdios da Phillips, onde haviam gravado um LP completamente experimental: “A Sociedade da Grã-Ordem Kavernista Apresenta a Sessão das Dez”. O álbum contava com as participações do cantor/transformista Edy Star e da cantora/humorista Miriam Batucada.

Além dessa experiência e de shows no circuito alternativos, Sérgio Sampaio tinha emplacado uma canção de sucesso no Festival Internacional da Canção de 1972. “Eu Quero é Botar Meu Bloco na Rua” era um samba lento, nostálgico, cheio de gírias novas (“Há quem diga que eu dormi de touca/ Que eu perdi a boca, que eu fugi da briga/ Que eu caí do galho e que não vi saída/ Que eu morri de medo quando o pau quebrou”).

Sampaio caiu no gosto da juventude universitária e, em seguida, do grande público. Em 1973, já enfronhado no mundo musical carioca desde 1964, ele lançaria o primeiro LP solo, que levou o nome de seu hit. O amálgama de influências, que ia do samba à Jovem Guarda, com pitadas de lisergia, resultou num disco mal compreendido à época, mas que permaneceu como uma dessas pérolas perdidas da MPB, que a cada vintena de anos é redescoberto por novas gerações.

Num campo menos roqueiro e/ou psicodélico, viriam dois artistas que também surpreendiam pela rebeldia estilística. Da capa algo enigmática, que mostrava um Luiz Melodia de pouco mais de 20 anos segurando um globo terrestre dentro de uma banheira sobre um leito de feijões pretos

(isso mesmo que você está lendo), às inflexões da voz de veludo que iam do samba de morro às profundezas do blues, “Pérola Negra” era um conjunto de novidades.

Claro que o fato das musas da Tropicália, Maria Bethânia e Gal Costa, terem gravado “Estácio Holly Estácio” e “Pérola Negra” antes eram uma espécie de selo de garantia. Mas o compositor revelaria em seu álbum lados inauditos. Uma certa retomada de



EXPERIMENTAÇÃO Caetano lançou “Araçá Azul”, disco estranho com um toque de vanguarda

um Rio de Janeiro imagético, na perspectiva do sujeito que descia o morro de São Carlos para chegar à Zona Sul, o samba na veia, associada a uma antena para outras músicas negras do Brasil e da gringa. Melodia selaria a partir dessa estreia um lugar privilegiado na MPB.

E, por fim, mas não menos importante, com “Manera Fru Fru Manera”, Fagner abriria as portas no Sudeste para a então nova

canção nordestina. Ainda que, a exemplo de Melodia ele tivesse uma intérprete poderosíssima na figura de Elis Regina, que havia gravado “Mucuripe”, espécie de “canção do exílio” moderna em seu álbum de 1972, seu LP solo era todo estranho, com mix de canções folclóricas, metáforas ultra imagéticas para o galope que dá nome ao disco, uma versão de poema de Cecília Meireles e um agudo senso de choque a amarrar tudo isso – a começar pelo nome alternativo do LP, “O Último Pau De Arara”.

O sucesso cult desse disco de Fagner, um álbum não exatamente fácil ainda que muito diverso – há parcerias com o conterrâneo Belchior, o mineiro Ronaldo Bastos, participação de Nara Leão e do percussionista Naná Vasconcelos –, ajudou na formação daquilo que ficou conhecido como o “Pessoal do Ceará”, que ainda abrigaria Belchior, Elba Ramalho e Amelinha – e, por vezes, artistas de outros estados do Nordeste, como paraibano Zé Ramalho e o pernambucano Alceu Valença.

As marcas que essas estréias tão variadas teriam nesse estado meio de torpor daquele ano na MPB redefiniram, inclusive, até como se moveria dali em diante a geração anterior. E as novas contribuições, seja pelos ouvidos mais atentos ao que rolava nos Estados Unidos e na Inglaterra – o rock “pesado”, guitarrero, o soul, o glam, o jazz rock –, seja pelo desejo de criar dentro de uma recém descoberta vastidão dentro mesmo da música brasileira continuam, meio século depois, ainda encantadores. •



MÚSICA E PAIXÃO Na série, os cantores Billy Dune e Daisy Jones começam a compor canções, apaixonam-se mas não realizam o amor, por conta de desencontros, compromissos e, principalmente, por serem almas gêmeas

A FÁBULA DA BANDA DE ROCK

Daisy Jones & The Six, série lançada pela Amazon Prime, encanta sobre as agruras de uma banda de rock fictícia dos anos 70 que acabou quando estava no auge do estrelato

Olímpio Cruz Neto

Histórias de bandas de rock já estão no imaginário coletivo e é difícil haver surpresas ao retratar a ascensão e queda de estrelas da música pop. Cameron Crowe conseguiu um vislumbre do nascimento de um grupo louco dos anos 70, baseado na sua própria experiência como repórter da Rolling Stone ao seguir rockstars pelas estradas da América. Era o tempo do Led Zeppelin, David Bowie, Rolling Stones e outros monstros sagrados da cena musical daquela década. A história de Crowe está no filme “Almost

famous” (2000). Mas agora surge outra fabula encantadora.

Trata-se de “Daisy Jones & The Six”, em exibição no serviço de streaming da Amazon Prime. A série é uma grata surpresa e encanta o espectador, mesmo que você não goste de rock dos anos 70 ou dos clichês que cercam aquela cena. O elenco é especial e entrega o amor de dois cantores pela música e pelo outro, como almas gêmeas que se apaixonam, mas são parecidos demais para se manterem juntos.

Em tom de pseudo-documentário a série é baseada no romance homônimo de Taylor Jenkins Reid. E, assim como a película de Crowe, é um delicioso passeio pe-

los anos 70 do século 20, a vida de músicos na estrada e sobre a criação de canções para dominar as paradas dos Estados Unidos, claro sem esquecer dos clichês que se seguem ao tripé sexo, drogas e rock and roll.

A obra de Reid remonta ao nascimento e início fulminante da carreira da banda Daisy Jones & The Six, cuja história fictícia remete a uma das grandes lendas do rock, a banda Fleetwood Mac. Naquela década, o Mac dominava as paradas de sucesso, fazia shows para plateias lotadas e conquistaram milhares de fãs. O mesmo com Daisy Jones & The Six. Eram a voz de uma geração, mas na ficção, a cantora Daisy serviu de fonte ins-

piração de toda garota descolada do mundo ocidental, assim como Stevie Nicks deixou muita gente enlouquecida ao longo das últimas três décadas. A história do Mac inspirou Reid, que mostra como as relações amorosas entre músicos de uma banda podem colocar o sucesso a perder. Com o Mac, isso aconteceu durante as gravações de "Rumours" (1977), disco que contém lindas canções de amores e despedidas.

O fim do casamento de Nicks e sua alma gêmea, Lindsay Buckingham, serve de espelho para a história de Daisy Jones & The Six. Em algum momento de 1979, no último show do grupo fictício na turnê do álbum "Aurora" – o "Rumours" da série – o grupo se esfacelou. E ninguém nunca soube o motivo.

Até que, 20 anos depois, a filha do vocalista Billy Dunne resolve gravar um documentário, reunindo os integrantes do grupo para que contassem porque o sucesso do grupo foi incapaz de segurar a unidade da banda, cujos integrantes estavam emocionalmente envolvidos e apaixonados uns pelos outros.

Além de Daisy – vivida por Ri-

Divulgação



RESSENTIMENTO E TESÃO Na vida real, Stevie Nicks e Lindsey Buckingham gravaram em disco o fim do casamento em 1977, depois de oito anos de amor intenso. Os dois mal se falam hoje e tampouco convivem

ley Keough, neta de ninguém menos do que Elvis Presley –, que é apaixonada pelo líder do grupo The Six, Billy Dunne (Sam Claflin), – outro casal da banda também se separa durante a turnê do disco: a tecladista Karen Sirko – interpretada por Suki Waterhouse – e Graham Dunne, irmão do vocalista e guitarrista da banda fictícia.

Em entrevista ao jornal inglês *The Guardian*, a autora do livro diz que se inspirou no clipe da música "Silver springs", do Fleetwood Mac, que mostra Stevie Nicks e Lindsey Buckingham

the sound of the woman that loves you") ("você *W* vai ficar longe do som da mulher que te ama").

Quando a arte imita a vida, quem ganha são os leitores/espectadores. A história do grupo se sustenta em dramas, drogas, paixões platônicas e muita música boa. O mais interessante é que tanto Riley Keough quanto Sam Claflin cantam as canções especialmente compostas e gravadas para a série – disponíveis em plataformas de música, como Spotify ou Apple Music – como ainda aprenderam a tocar seus instrumentos.

Difícil não se apaixonar por Daisy/Keough ou torcer para que o amor platônico de Sam Claflin pela parceira e cantora se concretize. Ainda que isso seja muito pouco para o rock and roll e pareça mais uma novela mexicana. Ainda assim, viva o Fleetwood Mac e essa banda encantadora liderada pelo casal Daisy e Billy. Eles merecem que os fãs se despedacem pelo amor que ainda está por acontecer. •

UM CLÁSSICO DOS ANOS 70

O álbum "Rumours" foi gravado em 1976 e marca o fim dos casamentos dos integrantes da banda. Uma aula de música pop que transforma a dor em poesia

Reprodução



FITO NA NETFLIX

Divulgação

Trinta anos depois de 'El amor después del amor', o disco de Fito Páez que revolucionou o rock argentino e marcou uma geração, agora a história do compositor vira uma minissérie que ganha o mundo

O rockstar argentino Fito Páez, um gênio que virou estrela da música pop portenha ganhou agora uma biografia transformada em minissérie de oito capítulos na Netflix. A obra é baseada nas memórias do cantor e compositor que nasceu em Rosário e cuja vida teve tantos altos e baixos que parece ter saído de um livro de ficção – suas avós foram assassinadas em um crime bárbaro que paralisou o país, sua mãe pianista morreu quando ele era criança de câncer e o pai, assim que ganhou a vida adulta.

Chamado "El amor después del amor", a biosérie mostra como o garoto de Rosário, cujo talento musical era uma herança materna, deixou a cidade de Che Guevara no começo dos anos 80 para ir viver em Buenos Aires, ganhou a

amizade de Charly Garcia, em cuja banda funcionava como segundo tecladista e, em menos de 10 anos, virou a maior estrela da música pop argentina.

Seu disco "El amor después del amor", lançado em 1º de junho de 1992 ainda hoje, 30 anos depois, é o álbum mais vendido da história do rock da Argentina. Suas letras ainda emocionam os próprios músicos que fizeram parte das gravações. Ele já foi gravado por Caetano Veloso, os Paralamas do Sucesso e encanta multidões na América Latina e Europa.

A jornada de Fito e seu desenvolvimento como pessoa e artista é profundamente perturbadora, ainda mais tomando conhecimento das muitas tragédias que viveu e como levou isso a promover uma reviravolta e tocar o céu com as mãos quando lançou o disco mais vendido da história do rock. A série é incrivelmente instigante porque coloca o espectador junto com ele em um túnel do tempo, com direito a encontros com Char-

ly, Luis Alberto Spinetta, Fabiana Cantilo e Andrés Calamaro.

Também é possível encontrá-lo no começo da carreira quando inicia a vida artística no circuito underground de Rosário. Ele atuou como tecladista na banda de Juan Carlos Baglietto, um dos fundadores do movimento chamado trova rosarina, onde participou da gravação de três discos, entre eles o clássico "Tiempos difíciles" de 1981, onde gravou suas primeiras composições.

Em pouco mais de dez anos, ele alcança o estrelato com o disco de 1992, fortemente influenciado pelo segundo amor de sua vida: a atriz Cecília Roth, estrela de alguns filmes do cineasta argentino Pedro Almodóvar e que serviu de musa para a concepção do álbum. "Seu amor abriu uma ferida porque tudo que te faz bem sempre te faz mal. Seu amor mudou minha vida para sempre como um raio, pelo que foi e será", cantou Fito para a amada. A história de amor durou mais de uma década. **(OCN)**



VIOLÊNCIA NO BRASIL

desafio das periferias

Disponível no site da Fundação Perseu Abramo

<https://fpabramo.org.br/publicacoes/estante/violencia-no-brasil-desafio-das-periferias/>

Organização

Felipe da Silva Freitas

Amanda Pimentel | Artur Henrique dos Santos | Bruno Langeani | Dandara Tonantzin Silva Castro | Danilo Sales do Nascimento | Dudu Ribeiro | Felipe da Silva Freitas | Gustavo Queiroz | Jackeline Aparecida Ferreira Romio | Juliana Borges da Silva | Juliana Gonçalves | Maíra de Deus Brito | Pablo Nunes | Paulo César Ramos | Poliana da Silva Ferreira | Ricardo Moura | Silvia Ramos | Sofia Helena Monteiro de Toledo Costa

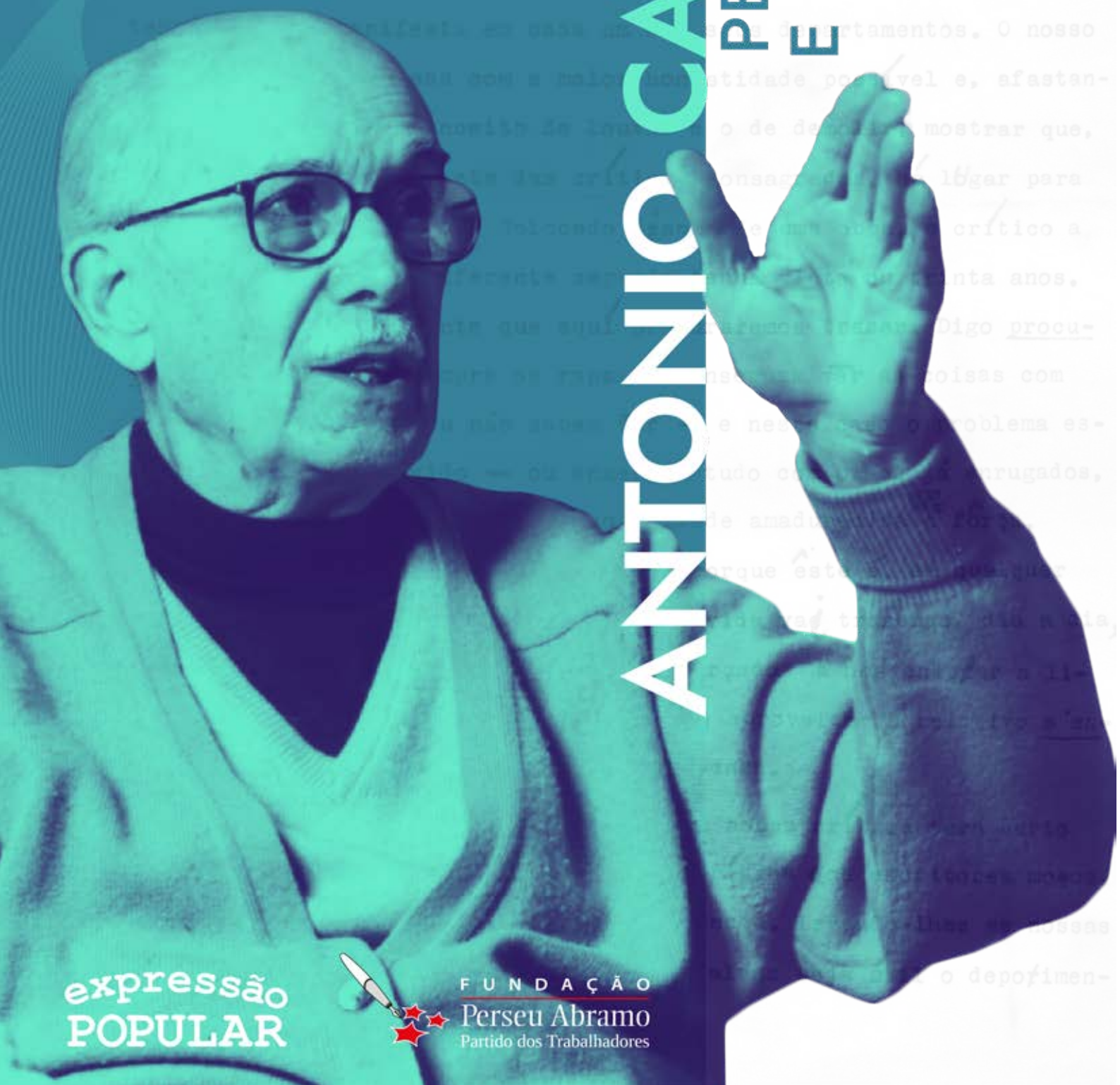
RECONEXÃO
PERFERIAS

FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

ORGANIZAÇÃO
FLÁVIO AGUIAR

2ª EDIÇÃO

ANTÔNIO CANDIDO PENSAMENTO E MILITÂNCIA



expressão
POPULAR



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores